



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE PSICOLOGIA

SÁVIO MOREIRA DE BORBA

A IMPORTÂNCIA PSICOLÓGICA DOS MITOS CONTEMPORÂNEOS

FORTALEZA

2018

SÁVIO MOREIRA DE BORBA

A IMPORTÂNCIA PSICOLÓGICA DOS MITOS CONTEMPORÂNEOS

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Alberto Pereira de Moura.

Co-orientador: Prof. Me. Heráclito Aragão Pinheiro.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D32i de Borba, Sávio Moreira.

A Importância Psicológica dos Mitos Contemporâneos / Sávio Moreira de Borba. – 2018.
55 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Curso de Psicologia, Fortaleza, 2018.

Orientação: Prof. Dr. Gustavo Alberto Pereira de Moura.

Coorientação: Prof. Me. Heráclito Aragão Pinheiro.

1. Mitologia Criativa. 2. Mitos Contemporâneos. 3. Psicologia Analítica. 4. Cultura Pop. I. Título.

CDD 150



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

TERMO DE APROVAÇÃO

A IMPORTÂNCIA PSICOLÓGICA DOS MITOS CONTEMPORÂNEOS

por

SÁVIO MOREIRA DE BORBA

Trabalho de conclusão de curso apresentado e defendido em 04 de julho de 2018 como requisito parcial para obtenção do título de graduado no curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, tendo sido aprovado pela Banca Examinadora composta pelos professores:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gustavo Alberto Pereira de Moura
Orientador

Prof. Me. Heráclito Aragão Pinheiro
Co-orientador

Prof. Dr. Walter Melo Jr.
Examinador

Prof. Me. Glauiney Moreira Mendonça Jr.
Examinador

**FORTALEZA
2018**

AGRADECIMENTOS

Jamais teria conseguido chegar a tal ponto por mim mesmo. Em todos estes anos de formação me apoiei em grandes pessoas que me incentivaram a continuar, a seguir em frente. Destes, antes de quaisquer outros, trago meus professores, vocação das mais honradas. Agradeço ao meu orientador, Prof. Gustavo Alberto Pereira de Moura; ao meu co-orientador, formador e mestre, Heráclito Aragão Pinheiro; ao meu estimado professor, exímio epistemólogo e companheiro de boemias, Prof. Ricardo Lincoln Laranjeira Barrocas; entre tantos outros.

Agradeço também aos meus veteranos, os quais me acolheram, me ensinaram e me acrescentaram tanto. Mesmo as conversas mais informais e convivências despreziosas muito me engrandeceram. Não poderia deixar de citar pelo nome Camila de Sousa Ricarte, Ícaro Miguel Ibiapina Machado, Jéssica Maria Pessoa Gomes e Ruth Arielle Nascimento Viana.

Outra parte cara deste meu trajeto também merece profundo destaque: *Mysterium*. Essas pessoas me acolheram e me sustentaram – tarefa não das mais fáceis. Cada um, a seu modo, esteve comigo até eu caminhar com minhas próprias pernas em meu próprio caminho. Dentre estes, destaco a minha grande amiga Vanessa de Loiola Pinho; a pessoa com quem vivi e dividi muitos momentos importantes que estarão comigo para sempre, Iury Cezar Pinheiro Cavalcanti; e o meu muito querido padrinho e a minha referência mais próxima, Allyson Albert Maia.

Ademais, existem aqueles que me acompanharam desde o início, o primeiro dia de aula. Entramos juntos no curso, compomos a mesma turma por toda a graduação e, a fina força, perseveramos até o fim. Sem vocês não teria conseguido: Camila Gonçalves da Costa Velho, a despeito da tendência coletiva, sempre sensata e coerente; João Paulo Ursulino Cunha, companheiro de muitas risadas e reclamações; Marcela Prata Oliveira, digna de ser uma princesa, apesar de nem tão delicada assim; Natasha Chaves Medeiros, sempre falante e inesquecivelmente carinhosa e cuidadora; e Matheus Oliveira Moreira, notoriamente a pessoa com quem tenho a comunicação mais fluida, não havendo explicações para nosso alinhamento de percepções aguçadas, valores e pensamentos.

Agradeço ainda àqueles que vieram depois de mim, os que um dia vi chegar e começar. Espero que de alguma forma eu possa ter contribuído. Jamais se deve negligenciar

os que lhe foram confiados. Sempre podem contar comigo: David Fontenelle Sampaio, Indirah Rabelo Granja e Letícia Lima de Patrício Ribeiro.

Por fim, mas nem de longe menos importantes, agradeço aos meus afilhados – guardiões do meu legado. Espero sempre tê-los por perto, acompanhar seus crescimentos e compartilhar muito do que virá: Filipe de Oliveira Chaves, Yago Fernandes da Silva e Thiago André Maia Grun.

Meu mais sincero obrigado a todos.

“Dia após dia, e dos dois lados de minha inteligência, o moral e o intelectual, fui me aproximando mais e mais da verdade, cuja descoberta parcial me valeu um desastre pavoroso: a de que o homem não é de fato uno, e sim duplo. Digo duplo porque, no estágio de conhecimento em que me encontro, não posso ir além desse ponto. Outros virão, outros me superarão nessas mesmas linhas; e ousou sugerir que o homem será um dia conhecido como um conjunto de cidadãos multifacetados, incongruentes e independentes. Da minha parte, pela natureza da minha vida, avancei infalivelmente numa direção, e só numa direção.”

(Robert Louis Stevenson)

RESUMO

Este trabalho busca evidenciar a existência de um fenômeno arquetípico de função mítica na cultura ficcional-fantástica contemporânea. O entendimento desse fenômeno traz contribuições relevantes à psicologia e seu estudo reflete na teoria e na prática profissional do psicólogo. Para sustentar tal afirmação, utilizo-me da teoria mitológica de Joseph Campbell para abordar o que é o mito e como ele se insere no nosso contexto civilizacional. Vivemos um momento de efervescência criativa. As pessoas por todos os lados produzem elementos significativos para suas questões pessoais, muitos não mais seguindo um caminho tradicional, mas agora com a necessidade de encontrar suas próprias respostas para a vida. Nesse sentido, a psicologia analítica toma essa produção, essa atividade psíquica, como objeto para refletir sobre os processos e desenvolvimentos subliminares que ocorrem tanto no âmbito o sujeito quanto da coletividade em que este se insere. Semelhantemente ao trabalho de Jung e com base nele, este é um esforço para observar as tendências inconscientes de nossa época a fim de trazer mais entendimento sobre os fenômenos que nos regem, e os quais estamos vivendo. Tais considerações impactam tanto o trabalho teórico de continuidade da psicologia analítica quanto é um paralelo genérico à possibilidade de funcionamento psíquico atual – possibilidade de autoconhecimento para o analista, que precisa se conscientizar das questões de seu tempo, e de esclarecimento no caso de um analisando que venha a ser captado por essas imagens ricas em simbologias com sua linguagem atualizada.

Palavras-chave: Mitologia criativa. Mitos contemporâneos. Psicologia analítica. Cultura pop.

ABSTRACT

This work seeks to evidence the existence of an archetypal phenomenon of mythic function in contemporary fantasy-fictional culture. This phenomenon brings relevant contributions to psychology and its study reflects on the theory and professional practice of psychologists. To support this claim, I use Joseph Campbell's mythological theory to address what myth is and how it fits into our civilizational context. We live a moment of creative effervescence. People everywhere are producing meaningful elements for their personal issues, many among them no longer following a traditional path, but pursuing the need to find their own answers to life. In this sense, analytic psychology takes this production, this psychic activity, as an object to reflect on the processes and subliminal developments that occur both for the subject and for the collectivity. Similarly to Jung's work and based on it, this is an effort to observe the unconscious tendencies of our time in order to bring a broader understanding about the phenomena that govern us, and in which we are living. Such considerations impact both the theoretical work of continuity of analytical psychology as it is a generic parallel to the possibility of current psychic functioning – a possibility of self-knowledge for the analyst, who needs to be aware of the issues of his time, and a clarification in the case of an analyst that can be captured by these images rich in symbologies with their updated language.

Keywords: Creative mythology. Contemporary Miths. Analytical psychology. Pop culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. METODOLOGIA	12
2. MITOS E SUAS ORIGENS	15
3. AS DUAS FORMAS DE PENSAMENTO	19
4. ARTES, CIÊNCIAS E PSICOLOGIA	22
5. MITOLOGIA CRIATIVA	24
6. UM MITO MODERNO	28
7. ESPÍRITO DA ÉPOCA	30
8. IMPACTO PSÍQUICO INDIVIDUAL	33
9. IMPACTO SOCIAL	36
10. ARQUÉTIPO, MITO E IMAGEM	39
11. COSMOVISÃO	42
12. FUNÇÃO RELIGIOSA	45
13. O MITO E A PSICOLOGIA CLÍNICA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

“Parece que o processo de cura mobiliza essas forças para alcançar os seus objetivos. É que as representações míticas, com seu simbolismo característico, atingem as profundezas da alma humana, os subterrâneos da história, aonde a razão, a vontade e a boa intenção nunca chegam. Isso porque elas também provêm daquelas profundezas e falam uma linguagem, que, na verdade, a razão contemporânea não entende, mas mobilizam e põem a vibrar o mais íntimo do homem. A regressão que poderia assustar-nos à primeira vista é, portanto, muito mais um 'reculer pour mieux sauter', um concentrar e integrar forças, que no decorrer da evolução vão constituir uma nova ordem.”

(Carl Gustav Jung)

O presente trabalho visa evidenciar a importância dos estudos psicológicos de mitos produzidos hoje, quando não temos mais coletivamente uma tradição hegemônica para exercer tal função e fascínio. Sendo algumas produções humanas, especialmente as artísticas (e, mais particularmente de nossa época, os animes, séries, filmes e outros aspectos dos diversos movimentos culturais urbanos), tão impactantes para a alma de seu criador, nota-se um investimento psíquico que chega a elaborar como símbolo vivo questões humanas. Estas atuam de modo a transformar não somente seu criador, mas também aqueles que encontram nela o fascínio mobilizador típico das tendências autorreguladoras do inconsciente¹.

Quando se fala desse tipo de obra, há discussões estéticas, sociais, políticas, econômicas etc. que podem ser amplamente levantadas. Entretanto, opto por destacar o potencial valor psíquico delas, seja como um investimento criativo de seu autor a fim de elaborar conteúdos emergentes, seja como um mito vivenciado por certa comunidade de entusiastas que também se beneficiam do impacto que lhes é diretamente causado. Em ambos

¹ Por assim dizer, númen, ou aquilo que é numinoso.

os casos, há espaço para confronto consciente com projeções de alto valor afetivo relacionado a questões, ou resoluções ou desfechos ou atitudes, tipicamente humanas, arquetípicas. Isso propicia à alma como um todo assumir novas posturas, talvez mais simbólicas que sintomáticas, talvez menos neuróticas que integradas².

Não raro, animes como *Sakura Card Captor*, *Fullmetal Alchemist*, *Naruto*, entre outros, evocam discussões ferrenhas sobre visões de mundo, atitudes e situações vivenciadas pelos personagens. Ora, visto que para a psicologia analítica o complexo ideoafetivo³ é a unidade funcional que fundamenta o psiquismo⁴, é bastante legítimo o interesse psicológico de se debruçar sobre o referido assunto. Hoje, filmes, séries, livros, quadrinhos etc. acumulam ambos os aspectos: de uma imagem bem definida e de um alto valor emocional. Isso sem, no entanto, excluir as nebulosas e paradoxais influências inconscientes. Muito pelo contrário, elas permitem a vazão de conteúdos de modo a aproximar a participação do inconsciente na vida vígil/quotidiana do sujeito, abrindo espaço para a saída da estagnação neurótica.

Tal fenômeno é uma novidade jamais vista antes, ao passo que também é uma repetição de tudo aquilo que o humano vivenciou por toda a sua história. Essa capacidade criativa do inconsciente faz surgir de novo e de novo elementos para lidar com as mesmas formas de sofrimento tão características da vida. Não sendo exclusivamente repressões de conteúdos uma vez conscientes (JUNG, 2011f, p. 41), aquilo que não se sabe carrega germes do novo, que nunca antes fora uma memória ou produção arbitrária do Eu.

Nesse sentido um mito baseado em fantasias inconscientes não pode ser negligenciado, tido como infantil ou decorrente de uma atitude autoerótica (JUNG, 2011f, p. 50). Sua função é vital. Ainda que atualmente não valorizemos⁵ os fundamentos inconscientes irracionais de nossa existência, essas fantasias nos reconectam com as camadas mais antigas de nosso espírito (JUNG, 2011f, p. 50); aquilo que também somos nós.

Além disso, quantas vezes essa ligação for perdida, tantas mais será recuperada. É patrimônio da humanidade. Essa potencialidade herdada se expressa de novo e de novo com a linguagem própria de cada época (JUNG, 2011a, p. 329). O mesmo motivo se desenrola em histórias variadas com função semelhante, cada história passando sua mensagem a seu modo. Com efeito, essas ricas narrativas nascem do mesmo tecido coletivo que constitui o sonho.

² Esse tema pode ser mais uma vez articulado com a função transcendente ou mesmo com o conceito de individuação.

³ Imagem psíquica carregada de afeto.

⁴ Vale ressaltar: a psique como objeto da psicologia.

⁵ De forma saudável; uma atitude bem rara em nossa cultura.

Nos folclores e os mitos “certos temas se repetem de forma quase idêntica” (JUNG, 2011e, p. 68).

Surgindo por toda parte, as imagens arquetípicas estão presentes nos dias de hoje. Sua repetição por meio de outros conteúdos e elementos culturais não são despropositais ou aleatórios. Estudar esses novos meios de se contar a história da humanidade é usar o material mais adequado para estudar a própria humanidade. Mais especificamente, como o nosso tempo vive individualmente o que é ser humanidade.

1. METODOLOGIA

“Embora me tenham chamado frequentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantenho fiel ao ponto de vista fenomenológico. Mas não acho que infringimos os princípios do empirismo científico se, de vez em quando, fazemos reflexões que ultrapassam o simples acúmulo e classificação do material proporcionado pela experiência. Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a ‘experiência’ constitui um processo de assimilação, sem o qual não há compreensão alguma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos, não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. Na medida em que o fenômeno religioso apresenta um aspecto psicológico muito importante, trato o tema dentro de uma perspectiva exclusivamente empírica: limito-me, portanto, a observar os fenômenos e me abstenho de qualquer abordagem metafísica ou filosófica.”

(Carl Gustav Jung)

A passagem acima é uma das declarações metodológicas acerca da investigação científica elaborada por Jung. Parece-me, portanto pertinente citá-lo logo na abertura deste capítulo uma vez que muito de meu trabalho se baseia em suas indicações teóricas.

Assim como Jung, resguardando minhas devidas limitações, não me proponho a discutir nenhuma metafísica ou filosofia que não as necessárias a um trabalho pragmático sobre o funcionamento psíquico humano. Para tanto, busco sustentar como os assim ditos mitos contemporâneos apresentam os mesmos indicativos psicológicos que Jung considerou

ao se debruçar no estudo das religiões, mitos, alquimia e outros elementos culturais coletivos⁶. Todos estes produtos da alma humana repletos de funcionamentos e processos inconscientes.

Seguindo os passos acima citados, a proposta deste trabalho é: 1) delimitar o que chamo de mitos contemporâneos, adentrando o campo da mitologia (em especial a mitologia criativa, de Joseph Campbell); 2) avaliar o impacto psíquico individual e coletivo que o surgimento e a elaboração desses conteúdos propiciam; 3) comentar o que é mito com o viés psicológico de arquétipo e imagem afetiva; 4) discutir os assuntos levantados como relevantes e a razão de assim o serem para a psicologia como ciência teórica; 5) colocar as possíveis implicações práticas de se estudar esse campo na psicologia, tendo a escuta clínica lugar privilegiado⁷.

Dos elementos evocados na discussão, apoio-me largamente em: 1) mitos contemporâneos, aqui como produções ficcionais de entretenimento com alta repercussão individual e coletiva⁸; 2) a hipótese psicológica de que produções humanas são vastamente arraigadas de características e determinantes psíquicas de seu criador⁹; 3) a influência dessas obras em pessoas mobilizadas pelo drama psíquico elaborado de maneira estética e artística em tais produções; 4) mitos e linguagem mítica como fórmulas universais ao passo que singulares, podendo paradoxalmente serem tratadas como individuais e coletivas¹⁰.

Nem de longe sou o pioneiro nesse tipo de trabalho. Os gigantes em que me apoio já escreveram sobre temas semelhantes. Jung em seu trabalho *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* (2011g) já discorre sobre um fenômeno emergente e fascinante de sua época, os discos voadores e o contato extraterrestre, tema muito discutido e rodeado de mistérios¹¹. Outro trabalho seu é o livro *O espírito na arte e na ciência* (JUNG, 2011d), com o mesmo teor, porém se debruçando sobre a arte. Ainda havendo o minucioso estudo de Jung sobre a alquimia, não somente como uma protoquímica, mas como um rico sistema simbólico paralelo, ou melhor dizendo, subterrâneo à vivência cristã da época. Campbell também traz a importância de se estudar o mito de cada época por toda sua obra, cito em especial As

⁶ Mesmo o que Jung coloca como "boatos simbólicos", referindo-se aos discos voadores (2011g).

⁷ Faço uma grosseira separação entre teoria e prática para fins exclusivamente didáticos. Tal colocação na psicologia como um todo é bastante complicada e, mesmo assumindo que há fronteiras entre um aspecto e outro, essas são toda uma outra discussão a qual me furto de comentar neste trabalho específico.

⁸ Vale ressaltar o lugar de que falo: cultura pop do final do século XX e início do XXI; influenciada pelos costumes europeus e sobretudo pelo predomínio da cultura estadunidense; além do aumento significativo da importação de material ficcional japonês, como animes e mangás.

⁹ Partindo de uma colocação mais geral de hipótese projetiva, porém mais adiante especificando a interferência e autonomia do inconsciente, tendo a psicologia analítica como norteadora do meu pensamento.

¹⁰ Podendo trazer consigo também um outro paradoxo, visto que é possível tanto seu estudo abrangendo os dois aspectos e apontando a delimitação turva entre ambos, quanto focar em apenas um aspecto isoladamente e tratá-lo em detrimento do outro.

¹¹ E, por assim dizer, um campo perfeito para a projeção da alma daqueles captados por esse motivo.

transformações do mito através do tempo (1997), onde põe-se à análise dos rituais e práticas tradicionais de diversos povos ao longo das eras. Von Franz, em seu livro *A interpretação dos contos de fada* (1990), trabalha a origem e função dos contos de fada como parâmetro para falar da psique geral em que essas histórias, aparentemente despropositadas, disseminaram-se.

A psicologia analítica de modo geral está sempre se apoiando no mesmo método básico. Isso também perpassa a interpretação psicológica que os autores acima fazem de seus respectivos objetos. Há de comum em todos esses exemplos: 1) conscienciosa observação dos fenômenos; 2) categorização de materiais quanto a sua origem e sentido, correlacionando-os por semelhança ou discrepância; 3) acompanhamento da progressão e mutação dos conteúdos e associados.

Desse modo, também me apoiarei nessa escolha metodológica para melhor observar e debater sobre os conteúdos selecionados por mim.

2. MITOS E SUAS ORIGENS

Dos autores citados e no recorte específico dos escritos citados, Jung e Von Franz desenvolvem um trabalho mitológico a partir de fontes não comumente associadas a mitos: religiões vivas, discos voadores, poesias e contos de fada. Isso se dá pelo meio em que se originaram essas produções: a alma. Como psicólogos, eles entendem que do mesmo modo que um mito pode ser reflexo do homem¹², outros processos estéticos também revelam as tendências psíquicas de seus criadores. É um estudo associado: a produção como ideia quase autônoma que expressa um sentido final e aponta para um criador; e um psiquismo eleito por Si mesmo para elaborar e realizar aquilo que só Deus sabe por que é preciso que ocorra. A psicologia, portanto, é intrínseca a esse estudo; citando a própria Von Franz (1990):

Então, não se pode ignorar o indivíduo e todo o contexto onde a experiência se dá. Os representantes desta tendência tentam colocar todos os resultados da psicologia junguiana no velho contexto do pensamento acadêmico e pôr de lado o fator mais importante que Jung introduziu na ciência dos mitos, a saber: *a base humana a partir da qual tais temas florescem*. Mas não se podem estudar plantas sem estudar o solo onde elas crescem: melões crescem melhor sobre esterco e não na areia, e se você for um bom jardineiro, você tem um conhecimento do solo tão bom quanto das plantas; e, em mitologia, nós somos o solo dos temas simbólicos — nós, os seres humanos. Este fato não pode ser ignorado sob o pretexto de que isto não existe, mas excluí-lo é uma tentação terrível para o tipo-pensamento e para os intelectuais, porque fazer isso é coerente com suas atitudes habituais.

É interessante que aqui Von Franz já aplica o que propõe. Ao colocar que é uma tendência típica dos intelectuais-pensamento excluir questões sentimentais, talvez se referindo aos cientistas da época, ela considera o campo psíquico originário das teorias e estudos criticados.¹³

Mitos, histórias, contos, arte, tudo isso é a expressão de um ou mais psiquismos, do plano de fundo inconsciente que influencia e direciona a realização consciente. Von Franz hipotetiza que os próprios rituais religiosos se originam dessas mesmas experiências com o inconsciente. Seu efeito é no psíquico e aparentemente sua origem também. Se existem indícios suficientes para que o nome da psicologia analítica após Jung admita tal consideração, só posso concordar com a coerência do que nos foi colocado nos exemplos da Visão de Black Elk e do Festival da Águia (VON FRANZ, 1990):

¹² Ou o homem reflexo do mito.

¹³ Isto não será aprofundado neste escrito, mas a teorização intelectual também é um elemento criativo da alma e pode-se aplicar nela semelhante análise feita aos mitos contemporâneos.

Em seu livro *Primitive culture*, Tylor, a partir de sua teoria sobre o animismo, tentou explicar os contos de fada a partir do ritual, dizendo que os contos deveriam ser considerados não só como remanescentes de determinada fé em decadência, mas principalmente como remanescentes de um rito antigo: o rito morreu, mas sua história permaneceu na forma dos contos de fada. Eu não acredito nisso, porque acho que a *base* não é ritual, mas uma experiência arquetípica. Entretanto, os ritos são tão antigos que o máximo que se pode fazer é imaginar como teriam se originado. Os melhores exemplos que encontrei de como um rito poderia ter se originado estão nas histórias que se seguem.

Uma das histórias é a autobiografia de Black Elk, um curandeiro pertencente à tribo de índios americanos dos Sioux Oglala. Ainda menino, Black Elk esteve muito doente, ficando quase em coma; foi quando ele teve uma visão ou revelação impressionante, na qual era transportado para os céus, onde muitos cavalos vinham a ele dos quatro pontos cardeais, quando então encontrou o Espírito do Avô que lhe deu a planta medicinal para o seu povo. Profundamente abalado pela visão, o jovem guardou-a para si como qualquer pessoa normal o faria. Porém, mais tarde desenvolveu-se nele uma aguda fobia de tempestades e trovoadas, de tal modo que bastava aparecer uma nuvenzinha no horizonte para ele tremer de medo. Isso o forçou a consultar o curandeiro da tribo. Este lhe disse que a causa desse temor, dessa doença, era ele ter guardado para si a visão que teve e não a ter compartilhado com sua tribo. O curandeiro disse a Black Elk: “Sobrinho, agora eu sei qual é o problema! Você precisa fazer o que o cavalo baio, na sua visão, queria que você fizesse. Você precisa fazer uma apresentação desta visão para o seu povo na terra. Precisa primeiro fazer a dança do cavalo para que o povo veja. Então o medo o abandonará; mas se você não fizer isso, algo muito ruim irá lhe acontecer”. Black Elk, que estava com 17 anos, seus pais e outros membros da tribo juntaram alguns cavalos; alguns eram brancos, outros pretos, outros alazões, mais alguns pardos e um cavalo baio para Black Elk montar. Black Elk ensinou as canções que ele ouvira durante sua experiência e quando a visão foi encenada, teve um profundo efeito na tribo inteira, chegando mesmo a ser um efeito curativo, fazendo com que um cego passasse a enxergar, um paraplégico a andar e outras doenças psíquicas também foram curadas. A tribo decidiu encená-la novamente.

E creio que muito provavelmente isso teria continuado como um ritual se, pouco depois, a tribo não tivesse sido quase que totalmente destruída pelos brancos. Por esse relato, estamos muito próximos de testemunhar as origens de um ritual.

Assim, uma experiência individual de Black Elk foi o fundamento para toda uma reconfiguração cultural. Seu inconsciente¹⁴ originou um conteúdo não somente de valor individual, mas sua saúde psíquica dependia do correto encaminhamento para a coletividade. Algo bastante estranho de se pensar, uma vez que conteúdos inconscientizados aparentam demandar atenção da consciência. Porém no caso o conteúdo necessita de uma atenção não só de Black Elk mas de toda a tribo para se estabilizar, livrando-o do sintoma neurótico¹⁵.

¹⁴ Expressão discutível, visto que o frequentemente experienciamos uma inversão na hierarquia de complexos; o Eu é subjugado por outros conteúdos, os quais assumem o controle de tal forma que a ilusão de autodeterminação se torna inviável. Tenhamos em mente que falar do inconsciente de alguém é mera referência, não de fato posse ou domínio.

¹⁵ A transmissão da experiência arquetípica é um tema bastante curioso, justamente por tocar no mistério fascinante racionalmente incomunicável, mas que ainda assim, de alguma forma, é passado adiante. Em seguida discutirei brevemente sobre as peculiaridades deste fenômeno.

O caso seguinte é outro exemplo de situação onde elementos culturais de alto valor psíquico, de harmonização e integração, se originam na vivência individual, encontrando respaldo na psique coletiva da sociedade em que estão inseridos e conseqüentemente sendo incorporados à tradição.

Eu encontrei uma outra pista para a origem de um rito num conto esquimó, relatado por K. Rasmussen (*Die Gabe des Adlers*, Frankfurt, 1923). Certas tribos do círculo polar ártico celebram um Festival da Águia. Eles enviam mensageiros com bastões que têm na ponta uma pena, para convidar as outras tribos para a grande festa. Os anfitriões constroem um grande iglu, algumas vezes uma grande casa de madeira. Uma vez por ano as pessoas aí chegam nos seus trenós puxados por cachorros. Na entrada da casa há uma águia empalhada; eles dançam, contam histórias, trocam esposas e comerciam. O Festival da Águia é o grande encontro semirreligioso, semiprofano, de todas as tribos.

A história sobre o festival é a seguinte: uma vez, um caçador solitário matou uma águia especialmente bonita. Ele a levou para casa, aparentemente com um certo sentimento de culpa; ele a empalhou e guardou-a, sentindo-se de tempos em tempos impelido a oferecer-lhe um pouco de comida como sacrifício. Aconteceu que certa vez estava ele com seus esquis caçando, quando entrou numa tempestade de neve. Ele se sentou e de repente viu à sua frente dois homens com bastões ornados de plumas. Os homens vestiam máscaras de animais e ordenaram-lhe que os seguisse e depressa. Então, apesar da nevasca, ele se pôs de pé e seguiu-os; eles iam muito depressa, deixando-o com uma grande exaustão. Foi quando, através da bruma, ele avistou uma cidadezinha da qual vinha um ribombar fantasmagórico. Ele perguntou aos homens o que aquilo significava, e um deles respondeu muito tristemente: “É o coração de uma mãe que está batendo”. Eles levaram-no à cidade até uma mulher muito digna que estava de preto, e ele logo percebeu que era a mãe da águia que ele havia matado. A mulher — mãe da águia — disse que ele havia tratado seu filho tão bem, que ela queria lhe agradecer e queria pedir que continuasse fazendo assim. Em seguida, disse-lhe que o apresentaria ao seu povo, (as pessoas, na verdade, eram águias que temporariamente tomavam forma humana) e que lhe mostraria o Festival da Águia. Ele deveria memorizar tudo e quando voltasse à sua tribo deveria relatar-lhes o que vira e dizer-lhes que, anualmente, deveriam fazer essa comemoração. Depois dos “homens-águias” terem apresentado o Festival da Águia, tudo desapareceu repentinamente, e ele se viu novamente no meio da neve, tonto e quase congelado. Ele voltou à sua cidade, reuniu os homens e contou-lhes a mensagem, e desde então, diz-se que o Festival da Águia é celebrado, exatamente como foi prescrito. O caçador obviamente caiu em coma, quase congelado, e neste estado de profunda inconsciência ele teve o que podemos chamar de visão arquetípica. Isso explica por que tudo desapareceu tão repentinamente e por que ele se viu tonto no meio da neve; este foi o momento em que voltou à consciência e viu as pegadas dos animais atrás dele — os últimos vestígios dos “mensageiros”.

Podemos ver novamente como um rito passa a existir de modo paralelo àquele de Black Elk — isto é, a partir da experiência arquetípica de um indivíduo; e se o impacto é suficientemente forte, há necessidade de transmiti-lo, ao invés de guardá-lo para si mesmo. Eu encontrei em menor escala fatos similares na análise, quando um analisado tem uma experiência arquetípica e, naturalmente, guarda-a para si. Esta é a reação natural, pois é o segredo de uma pessoa que não quer que outros a minimizem. Mas então outros sonhos aparecem dizendo-lhe que não deve guardar a visão para si, mas contá-la para seu marido, ou sua mulher, dizendo-lhe: “Eu tive uma experiência e tenho que me ater a ela. E por isto que agora quero falar-lhe sobre ela, pois de outra maneira você não entenderá minha conduta. Eu tenho que ser leal à visão e agir de acordo com ela”. Numa vida matrimonial não se pode mudar de comportamento de repente, sem qualquer explicação. Ou talvez, ela precise ser comunicada a um grupo maior, como aconteceu à visão de Black Elk, para quem o

curandeiro disse que seus sintomas neuróticos mostravam que a visão de Black Elk era algo que pertencia à tribo e não um segredo seu, em particular (VON FRANZ, 1990, p. 39).

Tendo essas duas histórias em vista, podemos inferir que o desenrolar desses processos ao longo do tempo, inclusive muito tempo, junto de outras adições, modificações e adaptações, é o que formula o rito. O mesmo molde pode se dar para dogmas. O ponto de partida é a experiência individual, a qual, especialmente antes de nossa época, ainda está muito permeada pela experiência da comunidade. Vide o que ocorrera a Black Elk quando julgou seu sonho como irrelevante para a tribo.

O ritual, assim como ideias, concepções, pinturas, histórias, pessoas, objetos ou atitudes podem ser símbolos. Eles podem ser a interseção do cognoscível e do incognoscível. Assim, enquanto símbolos, por definição, há vividamente um aspecto de extensão desconhecida em contato com as potências inconscientes.

Sendo esse fenômeno não causado pela consciência, suas raízes nos são inconscientes, suas origens. O que o estudo da origem dos ritos nos indica é, até onde se pode saber, o motivo, o início da percepção e elaboração do Eu sobre esses processos. Desse modo, a origem a partir da experiência arquetípica individual e sua transmissão.

Hoje perdemos consideravelmente o sentimento de comunidade e a consciência coletiva, porém algo ainda se mantém. Não é de se estranhar que a experiência arquetípica demande comunicação. Aos moldes de hoje talvez não por via ritualística, talvez não mediada por um xamã; talvez o caminho seja o que é vivo para nós, o que temos hoje.

Encerro este tópico com as considerações de Von Franz sobre os exemplos aqui discutidos:

A partir dessas duas histórias, eu concluí que esta é uma explicação provável de como um ritual passa a existir. Neste exemplo do esquimó, eles dizem isso para si mesmos. Vemos novamente que a *base* é uma invasão pelo mundo arquetípico da consciência coletiva temporal de um grupo, sendo um indivíduo o seu intermediário. Primeiro uma pessoa passa pela experiência e depois conta às outras. Além do mais, se realmente pensarmos bastante, de que outra maneira isto poderia ter acontecido? Essa é a maneira mais óbvia pela qual um ritual poderia ter se originado (VON FRANZ, 1990, p. 39).

3. AS DUAS FORMAS DE PENSAMENTO

Jung escreve em seu livro *Símbolos da transformação* um capítulo homônimo para propor um funcionamento psíquico a partir de duas formas básicas de pensamento, o pensamento dirigido, ou lógico, e o pensamento não dirigido, ou fantasioso. Em resumo o primeiro é o tipo de pensamento que trabalha com a “comunicação, com os pensamentos linguísticos, é trabalhoso e cansativo”; o segundo trabalha “sem esforço, por assim dizer espontaneamente com conteúdos encontrados prontos, e é dirigido por motivos inconscientes” (JUNG, 2011f, p. 39).

Os dois desempenham funções adaptativas importantes. Um (o fantasioso) é uma forma de elaboração automática e, ao ser dirigido por motivos inconscientes, reflete devidamente o que se coloca a partir dessa instância sumamente desconhecida. De uma forma geral, o máximo que podemos fazer em relação a ele é dedicá-lhe parte de nossa atenção ou tentar ignorá-lo¹⁶. O outro (lógico) carrega muitas das características da própria consciência, é voltado para uma construção linear de associações, desenvolve-se com foco e exclusão, volta-se prioritariamente para a comunicação. Porém, qual a relação deles com o tema em pauta?

Primeiro que esses pensamentos não são alternados, mas sim simultâneos. O pensamento dirigido é racional e bastante útil à adaptação ao meio social em que nos inserimos. Por outro lado, ele é dispendioso e tal hora nos cansamos de o fazer funcionar. É então que podemos observar o germe de uma linha de raciocínio que aparenta já estar em curso mesmo antes de ser observada. É como se ela já estivesse lá o tempo todo, um pensamento subterrâneo distinguível por busca ativa da consciência ou a incapacidade desta de se direcionar para onde deseja. É o caso dos sonhos, dos estados de embriaguez, das meditações etc. Até mesmo em situações no controle do complexo do Eu algo pode escapar, um vulto de conteúdo se insere no pensar dirigido, ou é expresso apesar dele. É o caso dos automatismos, atos falhos, esquecimentos significativos etc.¹⁷

No mesmo livro já citado, Jung (2011f, p. 39-40) relaciona o pensamento lógico à ciência, método de conhecimento dominante atualmente, e, recuando um pouco mais no tempo, à escolástica da Idade Média. Já o pensamento fantasioso aparece como característica

¹⁶ Sendo o sucesso ou não dessa tentativa mais uma vez determinado por questões inconscientes. Alguns conteúdos cobram um preço alto por não serem observados, outros simplesmente não dão tal possibilidade, outros ainda aparentemente só não interferem com a desatenção da consciência. Via de regra não se sabe, i.e., inconsciente.

¹⁷ De todos esses exemplos, o sonho é tido como via régia de contato com essas imagens gestadas no inconsciente.

do homem primitivo, o homem que muito mais investira na proximidade com o funcionamento da natureza e no contato com o próprio mistério da vida. Ora, o homem primitivo, por muitos subestimado¹⁸, vivia o que hoje estudamos como mitos e os vivia mais fluidamente que hoje em dia, quando culturalmente optamos pela exclusão dessa parcela de nossas vidas.

Todavia, um fundamento anímico não pode ser apagado assim tão facilmente. Em suma, Jung (2011f, p. 45-46) ressalta:

Pode-se objetar que as tendências mitológicas das crianças lhes são inculcadas pela educação. A objeção não tem base. Será que os homens alguma vez se libertaram totalmente do mito? Todos os homens tinham olhos e todos os seus sentidos para perceber que o mundo era morto, frio e infinito, e jamais tinham visto um Deus ou tiveram de postular a sua existência como necessidade dos sentidos. Ao contrário, foi necessária uma fortíssima necessidade interior, explicável apenas através da força irracional do instinto, para estabelecer aqueles dogmas religiosos cujo absurdo já era assinado por Tertuliano. Assim, podemos ocultar a uma criança os conteúdos dos antigos mitos, mas não livrá-la da necessidade de mitologia e muito menos da capacidade de criá-la. Se conseguíssemos cortar de uma vez todas as tradições do mundo, toda a mitologia e toda a história das religiões recomeçariam com a geração seguinte.

Aqui chegamos a um ponto interessante, especialmente o encerramento da última citação. Muito foi feito para resgatar e se estudar a vivência desses mitos pelos nossos predecessores, mas como essas fantasias são vividas por nós hoje? Essa pergunta será melhor debatida no capítulo sobre mitologia criativa. Por ora, apenas respondo que os artistas e poetas sabem mais sobre o assunto. A psicologia dá sua contribuição no quesito processos psíquicos. Já a vivência em si cabe àqueles que consigam elaborar e discorrer habilmente sobre sua experiência.

Voltando ao que é de nossa competência, é do interesse do psicólogo atentar para essas configurações psíquicas de outrora. Os grandes mitos podem ter perdido sua força enquanto valor consciente, porém eles ainda estão presentes. Como já disse anteriormente, o pensamento fantasioso independe da vontade consciente e não se anula com o progresso do pensamento lógico. A fantasia e o imaginário emergentes hoje são o nosso modo de relação com o inconsciente, ao passo que nossos antepassados viviam isso a seu próprio modo. Jung (2011f) coloca uma analogia corpo (nossos órgãos) e espírito, segundo a qual ambos trazem em si resquícios de antigas funções e estados, dos quais o instinto primitivo ainda sobrevive na forma de sonhos e fantasias.

¹⁸ Preconceituosamente categorizado como simples, infantil ou em algum estágio anterior de desenvolvimento. Todos os autores referenciados neste trabalho e tantos outros grandes nomes das ciências do espírito já explicitamente rejeitaram essa ideia inferiorizante da cultura alheia.

Até então, espero ter deixado minimamente claro a fundamentação fantasiosa subjacente em nosso psiquismo. Não somente dos mitos, mas também outros produtos humanos, como a arte, são frutos do que inicialmente nos foi acometido como uma fantasia, um pensamento fantasioso por nós encontrado. Só então, com o reconhecimento de sua existência, o pensar lógico pode colaborar com o curso das ideias.

Nesse sentido, todos esses elementos, apesar de suas particularidades, possuem uma fundamentação em comum, abrindo possibilidade de se afirmar: 1) que em alguma medida eles podem se equivaler psiquicamente; e 2) que eles podem ser objetos da psicologia como atividade psíquica expressa. Essas constatações espero trabalhar extensivamente por todo o trabalho.

4. ARTES, CIÊNCIAS E PSICOLOGIA

A partir desses estudos das funções psíquicas como simbolismo da alma fora dos mitos tradicionais, proponho a mesma validade para o estudo do recorte por mim delimitado nos termos estabelecidos por Jung. A obra de arte é um objeto que pode ser estudado pela psicologia. Entretanto, são de extrema importância dois pontos: 1) a psicologia é uma ciência independente, com seus próprios interesses, métodos e propósitos; 2) nenhum outro saber está subjogado ou deve ser sufocado pela psicologia e seus psicologismos. Infelizmente essas são situações bastante recorrentes que causam, respectivamente: 1) um esvaziamento do rigor e da identidade de nossa ciência em detrimento de outro ou outros conhecimentos e 2) um esvaziamento da relação com o fenômeno, dando-lhe um olhar abstrato genérico, estéril e esterilizante.

Atento para esses equívocos, Jung (2011d, p. 65) diferencia o estudo artístico do psicológico:

Falar sobre a relação entre a psicologia analítica e a obra de arte poética é para mim, apesar da dificuldade, uma oportunidade bem-vinda, pois assim tenho a oportunidade de expor meus pontos de vista na controvertida questão da relação entre a psicologia analítica e a arte. Apesar de sua incomensurabilidade existe uma estreita conexão entre esses dois campos que pede uma análise direta. Essa relação baseia-se no fato de a arte, em sua manifestação, ser uma atividade psicológica e, como tal, pode e deve ser submetida a considerações de cunho psicológico; pois, sob este aspecto, ela, como toda atividade humana oriunda de causas psicológicas, é objeto da psicologia. Com esta afirmativa, também ocorre uma limitação definida quanto à aplicação do ponto de vista psicológico: Apenas aquele aspecto da arte que existe no processo de criação artística pode ser objeto da psicologia, não aquele que constitui o próprio ser da arte. Nesta segunda parte, ou seja, a pergunta sobre o que é a arte em si, não pode ser objeto de considerações psicológicas, mas apenas estético-artísticas.

É pertinente destacar nesse parágrafo que, além da diferenciação de ofícios feita, Jung constitui o objeto da psicologia: a atividade psicológica. Mais especificamente, a atividade humana oriunda de causas psicológicas. Muito do que será discutido por todo este trabalho se fundamenta neste recorte e objeto: atividades humanas oriundas de causas psicológicas como as que exaustivamente reitro, os mitos, os contos, os sonhos, o fenômeno dos discos voadores, a arte.

Uma vez considerando que há certa equivalência anímica dessas produções, contemplamos o caráter genérico delas. Podemos então fazer inferências, delimitar virtualidades de funcionamento e buscar padrões de direcionamento. Por outro lado, como

alerta Von Franz (1990), não podemos esquecer das especificidades individuais do fenômeno aparecer de tal maneira e não de outra. Devemos também sempre nos atentarmos para o caráter individual. Dois conteúdos podem ser de certa forma equivalentes, porém supõe-se uma razão para eles de certa forma serem diferentes. Caso contrário não haveria o porquê nem de se dizer que são duas coisas, mas sim uma e a mesma.

Quanto ao objeto estudado, trago as palavras de Jung nas quais ele precisa metodologicamente a psicologia, sua identidade e características próprias, destacando o respeito aos diversos conhecimentos e enfoques acerca do fenômeno. Por assim dizer, das diferentes ciências e suas competências.

Por sua própria natureza a arte não é ciência e ciência tampouco é arte; por isso esses dois campos espirituais possuem áreas reservadas que lhe são peculiares e só podem ser explicadas por elas mesmas. Portanto, quando falamos da relação entre psicologia e arte, estaremos tratando apenas daquele aspecto da arte que pode ser submetido à pesquisa psicológica sem violar a sua natureza. Seja o que for que a psicologia possa fazer com a arte, terá que se limitar ao processo psíquico da criação artística e nunca atingir a essência profunda da arte em si. [...] O fato de o 'antagonismo entre as faculdades mentais', na criança pequena, ainda não se terem manifestado em suas tendências artísticas, científicas e religiosas ainda se encontrarem pacificamente adormecidas, ou o fato de o começo da arte, ciência e religião entre os primitivos ainda se encontrarem lado a lado no caos não diferenciado da mentalidade mágica, ou ainda, em terceiro lugar, o fato de nenhum traço do 'espírito' pode ser encontrado no animal, mas somente o 'instinto natural', nada disso evidencia que exista uma unidade original na essência da arte e da ciência que justifique sozinha uma subsunção recíproca, ou seja, uma redução de uma à outra. Mas se retrocedermos aos primórdios da evolução do espírito, a ponto de as diferenciações entre cada campo espiritual ficarem, em princípio, invisíveis, ainda assim não teremos alcançado o conhecimento de um princípio mais profundo de sua unidade, mas apenas um estado anterior de não diferenciação no qual não existia nem um nem outro. Este estado elementar, no entanto, não é nenhum princípio que nos permita tirar alguma conclusão sobre a natureza de estados posteriores e mais evoluídos, mesmo que estes sejam, como sempre acontece, derivados diretamente daí. Uma atitude científica estará sempre inclinada a não considerar a essência de uma diferenciação, dando preferência a uma derivação causal, e tentar subordinar aquela a um conceito bem genérico, mas também elementar (JUNG, 2011d, p. 66-67).

Prezar pelo rigor e cuidado dos conhecimentos válidos é o resultado de séculos de especialização e elaboração para se constituir determinado campo. Fruto de sua história e de seu meio. É importante estabelecer um diálogo dentro de certas aproximações, marcar divergências quando pertinente. Entretanto, optar, ainda que inconscientemente, por um retrocesso a fim de se pautar em uma suposta origem causal de todas as coisas e dela tirar afirmações amplamente questionáveis e preconceituosas é um desserviço à humanidade. É algo que ativamente se contrapõe ao desenvolvimento e à diferenciação psíquicos, rejeitando a razão de ser desses fenômenos (conhecimentos) que hoje são nossa herança cultural.

5. MITOLOGIA CRIATIVA

“Nos volumes anteriores deste estudo sobre as transformações históricas daquelas formas imaginárias que chamo de máscaras de Deus – por meio das quais os homens de todos os quadrantes procuraram se relacionar com o milagre da existência –, os mitos e os ritos dos antigos mundos primitivos, oriental e ocidental, podiam ser explicados em grandiosos períodos uniformes. Isso porque na história de nossa ainda jovem espécie, um profundo respeito pelas formas geradas inibiu o espírito de inovação. Milênios se sucederam com apenas pequenas variações emergindo sobre temas originados só Deus-sabe-quando. Porém, não foi o que ocorreu em nossa cultura ocidental recente, na qual, desde a metade do século XII, uma crescente desintegração vem desmantelando a enorme tradição ortodoxa que chegou a seu apogeu naquela época. Com seu declínio irromperam as forças criativas liberadas por um grande grupo de destacados indivíduos, de maneira que não uma, ou mesmo duas ou três, mas uma galáxia de mitologias – tantas, poderia se dizer, quanto a multidão de seus gênios – tem de ser considerada em qualquer estudo do espetáculo de nossa própria era titânica.”

(Joseph Campbell)

Por meio de um estudo colossal de diversos mitos, Campbell obteve admirável conhecimento sobre diversas culturas e modos de funcionamento culturais, algo que ele registrou por toda sua obra. Isso lhe permitiu observar um contexto peculiar vivido por nossa sociedade hoje. A epígrafe citada acima descreve como ele via a situação social em que o

caráter mítico foi perdido. O contato com a tradição e, por assim dizer, com os próprios Deuses se quebrou e uma reconfiguração social-psíquica surge a partir dos escombros da antiga tradição. Além do mais, é expressamente colocado que o estudo de nossa era deve considerar essa configuração específica de mitologia, ou melhor, mitologias.

Agora, para adentrarmos o campo da mitologia, especificamente da mitologia comparada, faz-se oportuno explicitar o que são esses mitos contemporâneos a que me refiro e qual sua relação com os mitos tradicionais que estuda a história das religiões. Nesse caso, utilizo-me da teorização de Joseph Campbell (2010) e seu conceito de mitologia criativa como norteador do campo que quero delimitar, trazendo também grande esclarecimento quanto ao contexto propício ao espírito que vivemos hoje.

Outros tópicos serão apresentados com contribuição de Jung (2011g). Este mais detalhadamente trará as questões psicológicas ao dizer se determinado fenômeno é categorizado como, exerce função análoga ou é psicologicamente equivalente ao mito. Seu livro *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* será aqui apresentado em paralelo à tentativa empreendida de levantar meu próprio recorte –quando trago mitos contemporâneos como expressão do meu tempo e da minha geração para discutir a efervescência criativa de obras de ficção fantásticas tão difundidas. O referido livro gera semelhante discussão sobre a difusão de notícias a respeito de contato extraterrestre, testemunhos sobre discos voadores e produções nesse tema¹⁹ após os acontecimentos que se seguem à II Guerra Mundial.

Especificando os conceitos que dão nome aos tópicos, “mitologia criativa”, termo cunhado por Campbell (2010) e amplamente desenvolvido em seu livro *As máscaras de Deus: mitologia criativa*, refere-se à produção mítica em que os moldes tradicionais estão invertidos: o acento da mitologia criativa está na experiência e elaboração individual a partir da quebra com o contato transmitido pela herança cultural. Jung utiliza a expressão “mitos modernos” em referência aos eventos relacionados a objetos voadores não identificados (óvnis), trazendo para estes funções e características interessantes, reflexo do impacto da II Guerra Mundial e Guerra Fria no psiquismo de nossa civilização. Como terceiro, por falta de nome melhor, diferencio “mitos contemporâneos” de mitos modernos, considerando aqueles como as produções que há muito se desenvolvem artisticamente na cultura popular, mas que a partir da década de 1990 ganham força de movimento cultural extensamente difundido, com grande impacto mundial.

¹⁹ Todos elencados como mitos modernos.

Esta é a primeira semelhança dos mitos modernos com os mitos contemporâneos. O tema discos voadores já existia há bastante tempo, com indícios até mesmo de registros de civilizações antigas. Porém só quando o espírito hegemônico da Guerra Fria e reverberações da II Guerra propiciaram uma colagem mais adequada de dramas específicos no misterioso anteparo projetivo no céu é que o entusiasmo pelo assunto tomou as proporções hoje observadas.

Com efeito, mitologia criativa é uma inversão do sistema mais difundido até então para interação do homem com o Sagrado (CAMPBELL, 2010, p. 20). Os mitos tradicionais surgem de experiências psíquicas primordiais²⁰, as quais são trabalhadas pela tradição em forma de doutrinas, dogmas e rituais para que seu fascínio seja transmitido às próximas gerações e sua eficácia seja garantida²¹ aos que ainda estão por se inserir nesse sistema de regulação psíquica. Já no caso dos mitos criativos, não há a mediação dessa tradição, ou ela não apresenta força suficiente para tal. O que ocorre é a experiência com essas questões humanas de forma mais ou menos inédita, sem tantos moldes prefigurados. Isso acaba fazendo com que o papel dos dogmas e ritos seja preenchido por brotamentos espontâneos do próprio inconsciente da pessoa. Surge assim um mito, um arcabouço de imagens de função mítica, para dar conta da parcela autônoma da vida que demanda se realizar na consciência.

Campbell (2010, p. 20) coloca a mesma função nas duas situações mitológicas: “reconciliar a consciência que desperta com o *mysterium tremendum et fascinans* deste universo como ele é” – a função mística do mito. Ao falarmos do caráter misterioso da vida e do universo, não podemos, por definição, justificar plenamente o porquê, mas é intrínseco ao homem dar uma resposta a tal vivência – isso em termos epistemológicos, válido para aqueles que passaram ou passam por essa experiência de estar vivo, a experiência com o universo, o contato entre o que se entende por si e o que se entende pelo mundo²².

A partir dessa colocação, surge um novo problema no âmbito humano: dar uma resposta e enunciar isso que é aparentemente indizível. Este problema, ou requisição, também é abrangido pelo mito. Campbell (2010, p. 20) coloca como a segunda função do mito “apresentar uma imagem interpretativa total do mesmo, como o conhece a consciência contemporânea”. Ampliando sua sentença com uma resposta de origem poética, igualmente funcional ao se tentar representar o tema em questão: “A definição de Shakespeare sobre a

²⁰ Como discutido anteriormente, a partir da hipótese de Von Franz (1990).

²¹ Na medida do possível, segundo o caminho tido para aquela pessoa. Nesse contexto, o que cabe a nós, psicólogos, fazer é precariamente nos atentarmos para as possibilidades já postas na existência humana e com esse parâmetro, de forma extremamente cuidadosa, ter algum direcionamento genérico para a singularidade daqueles que se prestam ao papel de autorrealização de si mesmos.

²² Todos.

função de sua arte, ‘exibir um espelho à natureza’, é igualmente uma definição de mitologia. É a revelação para a consciência dos poderes da sua própria fonte mantenedora” (CAMPBELL, 2010, p. 20)²³.

A utilização de linguagem poética aqui não é de se espantar. A vida, enquanto mistério²⁴, não é abrangida pelas ferramentas lógicas e racionais de nossa linguagem científica e acadêmica. Os mitos assim funcionam como direcionamentos de vida em caminhos por nós desconhecidos. As grandes religiões, os grandes místicos e sábios, os grandes artistas mapearam esses caminhos da melhor forma que puderam a partir das únicas linguagens disponíveis, sendo todas elas perpassadas pela linguagem simbólica do inconsciente.

Mas que outra função desempenharia essa transmissão simbólica? Campbell (2010) traz a quarta função do mito em um caráter bem mais psicológico, dando-lhe bastante ênfase. Esta diz respeito ao desenvolvimento do indivíduo; colocar-se à disposição do centro de si. Não de forma unilateral, mas abrangendo a si (microcosmo), sua cultura (mesocosmo), o universo (macrocosmo) e o grande mistério além de todas as coisas²⁵.

Com a teoria arquetípica de Jung, o que podemos argumentar é que todas essas experiências individuais, apesar de não totalmente comunicáveis, remetem a um todo desconhecido, o qual origina – ou ao qual se adequam – as infinitas possibilidades de vivência que todos temos desde todos os tempos. Desse modo, existe um resquício em comum no qual se estabelece a troca, a comunicação. Essa é a via dos mitos, ou mais propriamente a via mítica: dos rituais, dogmas, cultos, histórias, narrativas, poesias, pinturas, esculturas, músicas, sonhos etc.

No caso da mitologia criativa, esses caminhos são muitos, dispersos, não conveniente a todos e expressão mais da realidade particular que do caminho geral. Entretanto, somos todos humanos, se não herdamos as mesmas vivências e afetos via tradição, no mínimo herdamos o mesmo potencial para vivê-las e trabalhá-las.

²³ É interessante notar que já estamos correlacionando mito e arte; algo que será ainda mais aproximado adiante com as contribuições do livro *O espírito na arte e na ciência* (JUNG, 2011d), dando ênfase na função psíquica que queremos destacar e na fonte desencadeadora dessas elaborações esteticamente comunicáveis, o inconsciente.

²⁴ “*Mysterium tremendum et fascinans*” segundo Campbell ou “inconsciente” segundo Jung.

²⁵ E, paradoxalmente, também o que há de mais íntimo e essencial.

6. UM MITO MODERNO

Diante do que tento realizar por meio de minha proposta de mitos contemporâneos, surge a grata lembrança de que já houve discussão parecida nos mesmos moldes, em um assunto igualmente controverso e formalmente subestimado: os óvnis. Jung, como de costume, não se furta de comentar psicologicamente um tema tanto descreditado quanto superestimado. O livro *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* (JUNG, 2011g) trata, dentre diversas possibilidades e incertezas, como essas imagens psíquicas, sejam elas realmente existentes, sejam elas visões imateriais, repercutiram na consciência coletiva de forma bastante peculiar.

Algo de procedência mundial não pode ser negligenciado. Com efeito, se há condições psíquicas para origem e disseminação de tais materiais, isso significa uma constelação emocional compatível assimilando esse fenômeno por todo o mundo. Ou, citando Jung (2011g, p. 22):

Mas, tratando-se de projeção psicológica, deve haver uma causa psíquica, já que, certamente, não se pode admitir que uma afirmação de procedência mundial, como é a saga dos óvnis, seja apenas um acaso insignificante. Pelo contrário, os milhares de testemunhos individuais devem ter muito mais, devem ter uma base causal de extensão equivalente. Quando uma afirmação desta espécie é confirmada, como se diz, em todo lugar, então deve-se admitir que em todo lugar também haja um motivo respectivo para tal. Os boatos visionários podem, por certo, ser causados ou acompanhados por todas as possíveis circunstâncias externas, mas a sua existência baseia-se essencialmente num fundamento emocional presente em todo lugar; neste caso, então, fundamenta-se numa situação psicológica geral.²⁶

Foi tomado como ponto de partida que, independentemente da fonte, causa ou explicação, esses objetos são acima de tudo imagens psíquicas atuantes e, como tal, reais²⁷. Assim, a coletivização de relatos, crenças, experiências e fascínios insinua uma compatibilidade com a mentalidade de grande parte da população. Chega-se ao ponto de haver relatos tão concretos quanto o de registros anômalos em radares, que, segundo Jung, abre possibilidade para duas situações explicativas: “ou as projeções psíquicas ecoam no

²⁶ Poderia eu mesmo usar essa citação na introdução deste trabalho substituindo o motivo Óvnis pelos Mitos Contemporâneos.

²⁷ Se essa constatação causar estranhamento, pelo descompasso com o senso comum, sugiro o estudo do conceito de Realidade Psíquica.

radar, ou, ao contrário, o aparecimento de verdadeiros corpos deu motivo a projeções mitológicas” (2011g, p. 126).

Todo esse contexto leva Jung a afirmar que os discos voadores se tornaram um “mito vivo”, dando a oportunidade de observarmos o nascimento de uma “saga” e o desdobramento de uma “lenda” (2011g, p. 26). Sua magnitude é comentada em observações e interpretações de óvnis. inúmeros artigos e notícias publicados, series de livros tanto a favor quanto contra.

Mas em qual terra germinaram esses melões? O livro também aborda a situação psíquica, o contexto histórico e a tensão emocional vivida na época. Isso mostra uma relação significativa entre a efervescência do tema e os afetos envolvidos social e individualmente. Seria muito imprudente afirmar que um causou o outro, mas o que se destaca é que os dois se refletem mutuamente.

Uma invasão extraterrestre não deixa de ser uma intervenção do céu, literalmente. Esse foi o espaço anteriormente ocupado pela religião. Esses motivos eram conduzidos em segurança na Idade Média. Por outro lado, como já foi discutido, hoje estamos órfãos de mitos hegemônicos. Jung (2011g) reitera que nosso atual espírito racionalista atua como remendo espiritual, mas aponta que este falha miseravelmente ao tentar dar uma resposta²⁸ à parcela irracional, sentimental e obscura da vida, àquilo maior que o humano e do qual o pensamento lógico não dá conta.

O método de interpretação aqui aplicado foi o mesmo que o trabalhado por toda a psicologia analítica: 1) conscienciosa observação dos fenômenos; 2) categorização de materiais quanto a sua origem e sentido, correlacionando-os por semelhança ou discrepância; 3) acompanhamento da progressão e mutação dos conteúdos e associados.

Com efeito, é visível a afinidade dos mitos modernos e contemporâneos, guardada a disparidade de competência entre mim e Jung. Tendo isso em vista, não posso hoje me propor a uma análise de igual profundidade. Trago então o exemplo do trabalho por ele realizado como parâmetro de até onde podemos elaborar os mais diversos temas, até onde a psicologia já contribuiu de onde menos se espera. Meu recorte operacional se volta para a importância desses fenômenos humanos.

²⁸ Também é comum nem ao menos tentar. Quantas vezes não nos pegamos ignorando ou menosprezando certas condições? Abandonando indevidamente diferentes situações ao inconsciente?

7. ESPÍRITO DA ÉPOCA

“Assim como os indivíduos isoladamente, também os povos e as épocas têm suas atitudes ou tendências espirituais características. A própria palavra atitude já revela a unilateralidade necessária que acompanha cada tendência determinada. Onde há tendência há exclusão. Exclusão significa que muitos elementos psíquicos, que poderiam participar da vida, não podem fazê-lo por serem incompatíveis com atitudes gerais. O homem normal consegue suportar a tendência geral sem se prejudicar; mas o homem que caminha por atalhos e desvios, que não pode, como o homem normal, andar pelas amplas estradas principais, será o primeiro a descobrir o que se encontra afastado da grande estrada à espera de poder participar da vida. A relativa inadaptação do artista significa para ele uma vantagem real, permite-lhe permanecer afastado da estrada principal, seguir seus próprios anseios e encontrar aquilo de que os outros, sem o saber, sentiam falta. Assim, como no indivíduo a unilateralidade de sua atitude consciente é corrigida por reações inconscientes, assim a arte representa um processo de autorregulação espiritual na vida das épocas e das nações.”

(Carl Gustav Jung)

O espírito da época é um assunto bastante tangenciado por todas as ciências do espírito. Chega a ser notório até mesmo pela via do simples bom-senso como cada época e lugar parecem ser animados por tendências específicas, modos de agir, sentir e pensar

predominantes. Estas são tão fortes que mesmo aqueles que se rebelam contra a tendência hegemônica, nadando contra a correnteza, se remetem a elas para se contrapor, colocar seu posicionamento.

Na competência da psicologia, o espírito de cada época não é visto somente do ponto de vista autônomo, de seu fluxo geral. Além da observação das multidões, grupos e massas, é nossa obrigação atentar para o indivíduo: sua inserção, adaptação e transmissão nesse contexto. Como o psiquismo reage ao se deparar com esse dado objetivo²⁹, como a pessoa de posiciona frente a ele.

Nesse sentido, faço um adendo curioso quando Jung coloca que os povos e as épocas também têm atitudes, assim como o indivíduo. O que isto significa? Ora, atitude é uma tendência ou predisposição para separar e valorizar certos aspectos, certas imagens, em detrimento de outras, que serão relegadas ao inconsciente. Assim, ele está trazendo que os grupos apresentam uma organização psicóide – como se a partir da observação se pudesse tirar uma média dos indivíduos envolvidos e supor uma organização para fins de referência, a qual se comporta da mesma maneira que o humano.

Creio que, diante do exposto, faça bem mais sentido agora que se possa utilizar, sem escândalos ou forçosos sensacionalismos místicos, o termo espírito da época. As épocas, bem como o sujeito, também estão submetidas às disposições de um espírito mobilizador e vivificante. Em seu próprio campo de estudo, Campbell também já percebia que cada época e lugar tinha sua mitologia própria, i.e., considerando que mito “é o material de nossa vida, do nosso corpo, do nosso ambiente; e uma mitologia viva, vital, lida com tudo isso nos termos que se mostram mais adequados à natureza do conhecimento da época” (1997, p. 7).

Para além, já foi explanado que mitos não se resumem a histórias de religiões mortas. O que quer que seja colocado no lugar de função mítica para um grupo, corresponde às inclinações naturais, atitude, daquela esfera, ao seu espírito coletivo. No livro *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu*, que possui um título quase que autoexplicativo, Jung (2011g) versa o tempo todo sobre espírito da época. Para além, lá está exemplificada a importância de se estudar o espírito da época, qual método o pesquisador usa para se situar no fenômeno e como ele o trabalha para tirar conclusões e fazer contribuições reais³⁰ à vida das pessoas.

²⁹ Objetividade diferente de materialidade. Inclusive a própria matéria pode ser lida de forma subjetiva, vide a alquimia.

³⁰ Minimamente, há a importantíssima tarefa de aumentar o campo de consciência sobre aquilo que é vivo e vivido. Consciência corresponde a mais liberdade.

Desse modo, se não o auge da influência do catolicismo, o Renascimento, o Iluminismo, as Guerras Mundiais ou a Guerra Fria, que espírito rege nossa época? Não tenho material para sustentar a extensão ou magnitude do que trago a partir deste trabalho. Entretanto, ainda que restrito a um grupo específico, porém expressivo, busco esclarecer um pouco mais sobre a época dos heróis fantásticos, dos animes e outras animações, dos quadrinhos, dos jogos eletrônicos, das mídias virtuais, da cultura pop. Minha época. O objetivo não é que esse movimento seja definido em cláusulas pétreas. Mesmo porque isso é um fenômeno vivo no qual nós ainda estamos inseridos³¹, observantes dos rumos para os quais ele se encaminha, mas cujos efeitos já vemos no presente.

³¹ Pessoalmente, considero-me partidário e entusiasta de muitos desses conteúdos. Podendo, inclusive a partir de uma observação informal e desproposita, por experiência própria, afirmar a magnitude desses eventos, o aumento do número de adeptos e a importância dada a diversos elementos evocados por tal cultura.

8. IMPACTO PSÍQUICO INDIVIDUAL

Para a psicologia, o estudo dos mitos foi trazido em virtude desses conteúdos tratarem de temas típicos não só da coletividade, mas também da própria estruturação psíquica individual – não de forma direta, clara ou lógica, porém, tal limitação se impõe sempre que postulamos a realidade de um inconsciente psicológico. Indiretamente, por meio dessas narrativas, é o melhor acesso que podemos ter para tangenciar uma natureza sumamente desconhecida.

A mitologia fez o caminho inverso. Estudiosos dos povos como Campbell e Von Franz se impressionaram com a rica contribuição que a afetação psíquica poderia trazer para o entendimento cultural dessas histórias e rituais.

Para qual finalidade, então, estudar os mitos associados à psicologia? Ao se observar determinada cultura, deve-se ter em mente os sujeitos que fazem parte dela. Sempre que uma história é contada, ou que uma prática é realizada, é um pouco do contador que entra na estrutura da narrativa. Sua psicologia é secretamente introduzida (JUNG, 2011c).

Por um lado, isso é um fator de risco para a transmissão do que se tenta comunicar. Porém, por outro, pode-se considerar que uma forma de verdade esteja sendo comunicada. O sujeito que experiencia determinada questão pode falar com propriedade sobre o que viveu. Seu ponto de vista não é simplesmente uma interpretação, mas um testemunho de uma verdade forjada pela experiência. É o que de melhor temos para trabalhar com a experiência complexa de ser humano.

Marc Bloch já foi questionado sobre assunto semelhante: para que serve a história?³² Não creio que ele tenha tido essa intenção, mas inicialmente sua resposta foi um tanto quanto psicológica. Ora, a história é importante porque particularmente gostamos dela! A ela foi dada destaque e prioridade frente a toda a infinidade de possibilidades humanas. Nossa cultura, e tantas outras desde tempos remotos, se basearam em suas memórias. Somos “povos historiógrafos” (BLOCH, 2001). Seu valor imediato não jaz exclusivamente no que ela gera de modo explícito aos valores de nossa época.

Decerto, mesmo que a história fosse julgada incapaz de outros serviços, restaria dizer, a seu favor, que ela entretém. Ou, para ser mais exato – pois cada um busca

³² Não posso falar propriamente desse importante autor e de sua grade contribuição não somente à História, mas também a todas as ciências do espírito. Trago-o aqui somente para fins de paralelo. Uma amplificação do tema central por via de outros temas, outras ciências, outros conteúdos, mas perene a mesma estrutura básica, uma configuração reconhecível em si.

seus passatempos onde mais lhe agrada –, assim parece, incontestavelmente, para um grande número de homens. Pessoalmente, do mais remoto que me lembre, ela sempre me pareceu divertida. Como todos os historiadores, eu penso. Sem o quê, por quais razões teriam escolhido esse ofício? Aos olhos de qualquer um que não seja um tolo completo, com quatro letras, todas as ciências são interessantes. Mas todo cientista só encontra uma única cuja prática o diverte. Descobri-la para a ela se dedicar é propriamente o que se chama vocação. Aliás, essa inegável atração da história por si só já merece que a reflexão se detenha (BLOCH, 2001, p. 43).

Só a partir de então, Bloch (2001) desenvolve uma justificativa científica racional para o desenvolvimento e complementação desse estudo. O que quero dizer com isso? Que há grande tendência cultural de negligenciar o valor do interesse espontâneo ao fascínio. Talvez reflexo da aversão que temos a irracionalidades e ao inconsciente.

Os mitos são importantes, espontâneos e dignos de compreensão e elaboração. O sujeito psicológico é importante, é afetado e afeta os fenômenos próprios de sua vida e sua experiência. Há objetividade nos conteúdos emergentes inconscientes, mas o acesso humano sempre vai ser mediado pela alma. Não se pode diretamente chegar as coisas mesmas, mas a imaginação sobre elas já nos dá trabalho o suficiente e se justifica pelo impacto que essa realidade causa em nossas vidas.

A priorização excessiva do pensamento lógico, e da função pensamento, tende a ser sentimentalmente infantil e cruel com o que não se enquadra ou não se adequa. Campbell aponta que, em um grupo que compartilha determinada experiência significativa, surge uma linguagem incompreensível para os que estão de fora (CAMPBELL, 2010, p. 90). Há de se ter muito cuidado para não depreciar o incompreensível.

Atualmente, como já exposto quando se falou de mitologia criativa, nossa sociedade está rodeada de novas mitologias próprias, individuais. Na efervescência desse espírito criativo, o indivíduo tem sua própria experiência e o ímpeto de transmiti-la. Segundo o próprio Campbell (2010, p. 20), caso essa vivência tenha significado e profundidade, ela terá a força de um mito vivo. Cada um pode agora ter agora sua elaboração pessoal sem a coerção ou seleção da tradição religiosa vigente.

Entretanto, para tal, faz-se necessário um elevado grau de elaboração dessa experiência individual, comunicando importantes verdades da alma. Tal comunicação irá parecer uma minimização daquilo vivido, mas percebe-se uma demanda inconsciente para que isso ocorra ainda que precariamente (VON FRANZ, 1990).

Especialmente sem o suporte de uma mitologia hegemônica e uma tradição viva, tudo isso torna-se um processo bastante delicado. É muito importante atentar para nossa coletiva inferioridade sentimental, tão fácil de se tornar persecutória do novo, desconhecido e

estranho. O afeto individual por determinado tema ou representação inicialmente já é difícil de ser transmitido, sendo necessário muito tempo e investimento para tal. Não obstante, muitas vezes processos inconscientes não se intimidam ante a inadaptação social que por ventura possa ser gerada. O fascínio e a força de atração desses conteúdos se bastam para seguir nesse caminho³³.

Para concluir, trago de exemplo a resposta de Bloch (2001, p. 44-45) ao se deparar essa situação. Sua inicial firmeza de espírito foi desenvolvida e formidavelmente comunicada em seu livro. Ele não se deixou desistir e consolidou o valor de sua prática e sua experiência pessoal:

Se a história, não obstante, para a qual nos arrasta assim uma atração quase universalmente sentida, só tivesse isso para se justificar, se fosse apenas, em suma, um amável passatempo, como o bridge ou a pesca, valeria a pena todo o esforço que fazemos para escrevê-la? Para escrevê-la, quero dizer honestamente, indo verdadeiramente em direção, o máximo possível, às suas molas ocultas: por conseguinte, com dificuldade. Os jogos, escreveu André Gide, deixaram hoje de nos ser permitidos: inclusive, acrescentava, os da inteligência. Isso era dito em 1938. Em 1942, quando por minha vez escrevo, o quão mais carregada de um sentido mais pesado ficou tal declaração! Com toda certeza, num mundo que acaba de abordar a química do átomo e mal começa a sondar o segredo dos espaços estelares, em nosso pobre mundo que, justamente orgulhoso de sua ciência, não consegue todavia criar para si um pouco de felicidade, as longas minúcias da erudição histórica, muito capazes de devorar uma vida inteira, mereceriam ser condenadas como um desperdício de forças absurdo a ponto de ser criminoso, se devesse apenas servir para dissimular com um pouco de verdade uma de nossas distrações. Ou será preciso desaconselhar a prática da história a todos os espíritos capazes de serem melhor utilizados em outro lugar, ou é como conhecimento que a história terá de provar sua consciência limpa. Mas aqui uma nova pergunta se coloca: o que, precisamente, torna legítimo um esforço intelectual? Ninguém, imagino, ousaria mais dizer hoje em dia, como os positivistas de estrita observância, que o valor de uma investigação se mede, em tudo e para tudo, por sua aptidão a servir à ação. A experiência não apenas nos ensinou que é impossível decidir previamente se as especulações aparentemente as mais desinteressadas não se revelarão, um dia, espantosamente úteis à prática. Seria infligir à humanidade uma estranha mutilação recusar-lhe o direito de buscar, fora de qualquer preocupação de bem-estar, o apaziguamento de suas fomes intelectuais. À história, mesmo que fosse eternamente indiferente ao *Homo faber* ou *politicus*, bastaria ser reconhecida como necessária ao pleno desabrochar do *Homo sapiens*. Entretanto, mesmo assim limitada, a questão não está, por isso, logo resolvida.

³³ A energia própria do arquétipo, númen, é bastante incisiva a total despeito da vontade ou determinação consciente. Em tais casos mais graves, há de se escolher somente entre colaborar ou ser arrastado e subjugado.

9. IMPACTO SOCIAL

Ao falar de impacto individual, inicialmente faço a ressalva de estar falando em termos de possibilidades genéricas. Só se pode falar especificamente em psicologia ao ser tomado um caso específico, onde as constatações são relativas a. Ainda assim, abstrações teóricas são importantíssimas para a articulação do conhecimento e desenvolvimento de seu raciocínio.

Por outro lado, além do enfoque individual do fenômeno selecionado, há de se atentar também para o seu caráter coletivo, partilhado socialmente. No que categorizo como Mitos Contemporâneos, é fácil observar sua repercussão no cotidiano. Mesmo aqueles que não se interessam pelo tema, e que teoricamente teriam menos predisposição a perceber isso no dia-a-dia, não podem ignorar totalmente o impacto social das atividades voltadas para o tema. É bem difícil passar despercebido, por exemplo, por eventos de magnitude mundial que geram toda uma mobilização midiática em torno de si.

Socialmente, essa relevância e influência cultural de animes, mangás, HQs, filmes de super-heróis, seriados, entre outros, é facilmente observada pelo alto investimento nessas mídias. Sites como *Mundo Avatar*, *Omelete*, *Minha Série*, *Adoro Cinema*, *Game of Thrones BR* etc. movimentam parcela significativa da Internet, sendo espaços virtuais exclusivamente de divulgação e promoção de todos os tipos de informações e opiniões vinculados a suas propostas (Cultura Pop). E isso somente no Brasil, havendo outros de repercussão internacional. Canais do YouTube como *Mikannn*, *Pipocando*, *Luz Câmera Ação*, *Canal Nostalgia*, *Authentic Games*, *Venom Extreme* produzem essencialmente vídeos de entretenimento dedicados a comentar, discutir, refletir, ampliar e compartilhar experiências sobre seus respectivos temas.

Tais exemplos não se restringem à realidade virtual, eventos de magnitude globais são famosos pelas atrações e ampla adesão do público. Para citar alguns, Comic Con, Anime Expo, Sana Fest, entre muitos outros.

Mesmo no tradicional ambiente de produção acadêmica, estudantes optaram por investir tempo e dedicação em relacionar esses temas às disciplinas universitárias, por exemplo: *O herói na forma e no conteúdo: análise textual do mangá Dragon Ball e Dragon Ball Z* (SILVA, 2006); *Sakura Card Captors e os vínculos: narrativas de amor nos animes japoneses* (SANTILLI, 2017); *Desenho animado e formação moral: influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade* (BOYNARD, 2005); *De fã para fã: a re-produção*

informal de animês na cibercultura (URBANO, 2011); *“Me Dê Seu Lider, Pégaso!”: um estudo dos perfis de liderança presentes nos Cavaleiros do Zodíaco* (BARROS, 2017); *Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil* (CARLOS, 2009); *“Em Busca das esferas do dragão”*: uma interpretação da leitura das crianças sobre o Dragon Ball Z (BRAIT JR., 2005); *A cena cosplay: vinculações e produção de subjetividade* (NUNES, 2013); *Sakura e a Narrativa: um estudo psicanalítico acerca do tornar-se mulher e da feminilidade* (LOPES JR., 2012).

Creio poder destacar também este trabalho, que não somente está sendo redigido por mim, mas, para além disso, está agora, neste exato momento, sendo lido por motivos que desconheço.

Como já foi falado anteriormente na *Interpretação dos contos de fada* (VON FRANZ, 1990), uma experiência significativa com o inconsciente demanda comunicação e elaboração também em um nível coletivizável³⁴. Se o ponto de partida que tomo é da importância dessas produções e seu impacto mítico na vida das pessoas, não é de se estranhar que seus efeitos reverberem por toda a sociedade. Mais uma vez em paralelo com os mitos modernos, histórias brotam por todos os lados e se desenvolvem tanto nas conversas informais de pessoa-a-pessoa quanto nos mais sérios debates acadêmicos e midiáticos³⁵.

Entremos em detalhes a respeito da magnitude do assunto com um exemplo ocorrido no Brasil, a Comic Con Experience 2017, que em termos de público foi considerado o maior do mundo. O evento foi organizado com a expectativa de receber 220 mil pessoas, tendo comparecido ao todo mais de 227 mil, crescimento superior a 30% do mesmo evento ocorrido no ano anterior (UOL, 2017).

Para esses quatro dias de evento foi disponibilizado um espaço de 115 mil m², e os quais os ingressos variavam de R\$99,99 a R\$6.999,99, esta última modalidade garantindo entrada VIP nas atividades, acesso a quatro esculturas colecionáveis, entre outras regalias. Celebidades internacionais como Will Smith, Alicia Vikander, Nick Jonas e Nikolaj Coster-Waldau fizeram participações especiais, além de outras tantas celebridades, como quadrinistas, produtores, diretores, promovendo sessões de fotos, autógrafos e diversas outras atividades. Na área tecnológica, uma curadoria especializada em experiências imersivas voltada para games e HQs foi contratada. Um Tiranossauro Rex de 2 toneladas e 4 metros de altura, baseado no original do filme *Jurassic Park* (1992), de Steven Spielberg, estava exposto. Bonecos exclusivos eram vendidos em quantidade limitada com média de preço de

³⁴ Participação do pensamento dirigido.

³⁵ Anteriormente nos jornais, hoje além destes na televisão e Internet.

R\$300. O evento possuía além disso 140 marcas distribuídas em 120 estandes de vendas, onde, em sua primeira participação, a Lupo investiu R\$450 mil para produtos temáticos, e a Riachuelo preparou mais de 70 mil produtos (VEJA SÃO PAULO, 2017).

Indiretamente, muitos outros estabelecimentos lucram com o evento. As vendas de camisetas da marca Studio Geek dobram nesse período. A rede hoteleira lucra significativamente com as aproximadamente cem mil pessoas que desembarcam na cidade e podem se hospedar nos 21 hotéis cadastrados, movimentando cerca de R\$50 milhões na cidade (VEJA SÃO PAULO, 2017).

Mesmo os frequentadores se mostram uma atração à parte, fantasiados de seus heróis, chegando cedo e fazendo fila para as variadas atrações. O dentista Rodrigo Moreno é um frequentador famoso no meio por sua coleção de aproximadamente 2 mil itens da franquia de *Star Wars*, sendo ocasionalmente convidado a debates e, evidentemente, comparecendo caracterizado de algum personagem (VEJA SÃO PAULO, 2017).

Não pretendo entrar em discussões mais sociais a respeito de apropriação da cultura pelo mercado ou movimentos de massa, mas busco apresentar rapidamente que este não é um fenômeno diminuto e que é pertinente, inclusive curioso, seu estudo.

10. ARQUÉTIPO, MITO E IMAGEM

“Aqui devo observar que, mesmo se os óvnis fossem mais, as projeções psíquicas que lhes correspondem não são propriamente causadas por ele e, sim, apenas motivadas. Afirmações míticas desta espécie existiram sempre, com ou sem óvnis. Todavia, antes da época das observações de óvnis, ninguém teve a ideia de associar umas com as outras. A afirmação mítica baseia-se, em primeiro lugar, na constituição particular do substrato psíquico, do inconsciente coletivo, cuja projeção sempre existiu. Na verdade, muitas outras formas são projetadas, além das formas circulares celestes. Esta última projeção, juntamente com o seu contexto psicológico, o boato, é uma manifestação específica, característica particular da nossa época.”

(Carl Gustav Jung)

Quando falamos de arquétipo não se trata de limitar as experiências humanas a determinadas formas de expressão. Este conceito implica que mesmo as mais típicas experiências humanas estão sujeitas a particularidades infinitamente variáveis³⁶. Assim como expresso na metodologia, é uma questão de atentar para as constâncias e divergências que perpassam determinado material.

Os mitos são imagens arquetípicas que se repetem ao longo da humanidade. Campbell fez um excepcional trabalho em estudar o maior número deles, dando-lhes primordial importância por toda a sua obra. Assim, é possível observar que, tanto em termos de função psíquica quanto, muitas vezes, em termos de estrutura dramática, algo se mantém,

³⁶ Paradoxalmente, trata-se ao mesmo tempo daquilo que irremediavelmente permanece, ao passo que sempre se renova e se apresenta criativamente de novo e de novo.

independentemente da época e do lugar. Seu livro *Transformações do mito através do tempo* (CAMPBELL, 1997) é justamente um apanhado das diversas variações culturais de mitos ao longo da história.

Na epígrafe deste capítulo, Jung fez trabalho semelhante. O fenômeno dos discos voadores não deixa de ser mais uma variação de determinada estrutura psíquica preenchida significativamente pelos conteúdos que são o reflexo de sua época. O pano de fundo inexpresso do inconsciente encontra terreno fértil abundante em nossa sociedade, seja pela projeção em “boatos simbólicos” como os óvnis (JUNG, 2011g), seja pela produção e identificação de elementos artísticos contemporâneos.

Jung define arquétipo como a manifestação fantasiosa do instinto e sua revelação por meio de imagens simbólicas, repetindo-se “em qualquer época e qualquer lugar do mundo – mesmo onde não é possível explicar sua transmissão” (JUNG, 2008, p. 83). Essas imagens aparecem sempre que a imaginação possa ser livremente expressa, sendo essas mesmas figuras mitológicas “uma elaboração da fantasia criativa aguardando ainda transcrição para uma linguagem compreensível da qual existem apenas inícios difíceis” (JUNG, 2011d, p. 82).

A arte em si é um processo criativo, uma transcrição para a linguagem do presente. Esse processo é uma ativação inconsciente do arquétipo a ponto de elaborar e formalizar o que outrora foi perdido (JUNG, 2011d, p. 83); não mais algo distante com o qual não temos real ligação, mas agora uma produção rica em significados.

O arquétipo sempre irá existir. Ainda que sua função seja esquecida, novas e novas formas de expressão aparecerão. Ainda que conteúdos vivos possam se desfazer no inconsciente, conteúdos completamente novos podem emergir desse mesmo inconsciente. “A descoberta de que o inconsciente não é apenas um simples depósito do passado, mas que está também cheio de germes de ideias e de situações psíquicas futuras levou-me a uma atitude nova e pessoal em relação à psicologia” (JUNG, 2008, p. 41).

Nesse sentido, qual o melhor meio de transmissão dessas verdades da alma? Observando a partir da consciência e seus limites, o símbolo é o único tipo de imagem que nos permite contato com algo além de seu significado imediato. O homem hoje também produz símbolos.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-lo ou explicá-lo [...]. Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que

frequentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas este uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos (JUNG, 2008, p. 19-21).

Desse modo, os mitos³⁷, estão em consonância com o seu contexto simbólico-histórico. Essa é a linguagem inata da psique e a sua estrutura (JUNG, 2011g). Símbolos são formações espontâneas que simplesmente acontecem, assim como os sonhos (JUNG, 2008, p. 64).

Não é de se espantar que o que trago aqui como novas formas simbólicas esteja aparecendo com cada vez mais frequência. Ainda hoje o homem produz símbolos, ainda hoje eles aparecem espontaneamente. Eles representam grande importância para o psiquismo atual, portanto, grande importância para a psicologia em si.

Para nós, resta um trabalho até então impossível. Ainda que munidos de todos os paralelos, ampliações e modelos, cada nova expressão da alma possui um caráter único. O que só pode ser feito a partir da atualidade é nos aprofundarmos no aspecto específico e particular transmitido por nosso simbolismo atual.

A cada geração cabe a responsabilidade de entender sua própria era. O que há de mais adoecido e o que precisa ser cuidado e mantido. Qual o nosso mito hoje? O que dele há de nos ser transmitido?

³⁷ Mais precisamente, o caráter mitológico.

11. COSMOVISÃO

“Se, com o que estou dizendo aqui, eu estiver dando a impressão de que a única exigência para a terapia especializada é um grande saber, estarei pecando por omissão. A diferenciação moral da personalidade do médico é tão importante quando esse outro requisito. A cirurgia e a obstetrícia sabem, há muito tempo, que não basta lavar o paciente: as mãos do próprio médico têm que estar limpas. [...] O público leigo, não raro, alimenta o preconceito de que a psicoterapia é a coisa mais fácil do mundo, resumindo-se na arte de convencer ou de tirar dinheiro do bolso da gente. Mas, na realidade, trata-se de uma profissão difícil e perigosa. Do mesmo modo que o médico, em geral, está exposto a infecções e outros riscos profissionais, o psicoterapeuta está arriscado a contrair infecções psíquicas, não menos perigosas. Assim sendo, por um lado, corre o perigo de envolver-se nas neuroses de seus pacientes, por outro, ao procurar proteger-se contra a influência destes sobre si, pode privar-se do exercício do efeito terapêutico. Entre ‘Cila e Caribde’ é que está o risco, mas também o efeito terapêutico.”

(Carl Gustav Jung)

O propósito fundamental, não somente da epígrafe acima, mas também deste capítulo como um todo, é abordar a importância da personalidade do médico, ou psicólogo, no processo analítico. Esse tipo de proposta de trabalho envolve a personalidade do profissional como um todo, colocando-a a disposição do processo terapêutico.

É inevitável certo entrelaçamento psíquico no método dialético de Jung. Temos então a importância cabal de o analista, para bem realizar seu ofício, limpar e afiar sua ferramenta de trabalho, sua própria personalidade. Nesse sentido, a cosmovisão tem um papel de destaque.

Jung (2011a) define cosmovisão como uma orientação consciente de como alguém vê e entende o mundo. Algo semelhante a uma filosofia, porém com um caráter menos intelectual, abrindo espaço para o desenvolvimento e a elaboração de outras funções que contribuem para sua formulação. Não havendo delimitação segura e objetiva a respeito de até onde existe sujeito e a partir de quando começa o objeto, o mundo. O que podemos inferir é que estes elementos se confundem fortemente.

O modo como vemos o mundo está intimamente contaminado pelo modo como vemos a nós mesmos. Muitos psicólogos não concordam que o homem e o mundo se modificam mutuamente. E, olhando a partir da psicologia analítica, este mundo é um mundo de imagens. São apenas³⁸ representações psíquicas. “O homem cujo cosmos está suspenso no empíreo é diferente daquele cuja mente foi iluminada pela visão de Kepler. O homem que ainda tem dúvidas quanto ao resultado da multiplicação de dois por dois é diferente daquele para o qual nada é mais certo do que as verdades apriorísticas da matemática” (JUNG, 2011a, p. 318).

Desse modo, uma cosmovisão bem desenvolvida avança largamente na conscientização de nossas motivações, adentra na medida do possível o campo inconsciente – algo que nem sempre é desejável para o conforto dos que nos rodeiam, mas de absoluta importância a quem quer que se disponha a acompanhar um processo analítico. O conhecimento particular de uma cosmovisão não é diretamente dirigido para o paciente, mas sim uma resposta que o analista tem para o mundo em que vive. E respostas também são importantes.

Uma certa crítica e um certo ceticismo nem sempre são indícios de inteligência; muitas vezes são justamente o contrário, em especial quando nos valem do ceticismo para encobrir a falta de uma cosmovisão. Muitas vezes o que falta é mais coragem moral do que propriamente inteligência, pois não podemos ver o mundo sem nos ver a nós próprios, e da mesma maneira como o indivíduo vê o mundo, assim também se vê a si próprio, e para isto não se precisa de nenhuma coragem. Por isto é sempre fatal não ter uma cosmovisão (JUNG, 2011a, p. 319).

³⁸ Interessante notar que muitas vezes esse “apenas” é usado para minimizar o aspecto psíquico em contraposição à atual valorização do material. Entretanto, independente do sentimento coletivo que possamos ter relativo a essa questão, tudo o que temos são representações imagéticas que nada têm de irrelevante. Ou, ainda que o fossem, elas são o limite do conhecimento consciente, tudo a que temos acesso e o único campo em que podemos operar o que quer que consideremos por liberdade.

Marchar com a coletividade parece uma solução viável e, para muitos sortudos, sim, o é. Entretanto, especialmente no contexto atual, muitos não gozam desse conforto. Para estes, uma produção significativa e dispendiosa é exigida do inconsciente. Aos que se furtam a esse desgaste e investimento é estritamente desaconselhável a alcunha de psicoterapeuta. “A discussão das ideias que embasam a visão de mundo é uma tarefa a que se propõe a psicoterapia inevitavelmente, [...]. A questão dos padrões com que medir, e a dos critérios éticos com que determinar a nossa ação, tem que ser respondida de uma forma ou de outra” (JUNG, 2011b, p. 92). Isso é essencial para não condenarmos nossos pacientes a padecer de nossas próprias estagnações!

Secundariamente, a visão de mundo do terapeuta é o terreno no qual será sustentado o estilo de análise. É a partir de uma cosmovisão robusta, porém igualmente sensível a abalos e reformulações, que o psicoterapeuta encontra o espírito vivificante de sua vocação. “É a sua visão de mundo que orienta a vida do terapeuta e anima o espírito de sua terapia” (JUNG, 2011b, p. 180).

Ao atentarmos para como as coisas são vistas hoje e como a mitologia atual se configura vividamente, não estamos falando exclusivamente dos conteúdos dos pacientes. Muito do entendimento de nosso tempo e de nossas produções culturais³⁹ fala de nós; de como estamos nos posicionando em relação a isso, ou mesmo se estamos passando intangíveis de tamanha movimentação social⁴⁰.

³⁹ Sua origem, seu sentido e em quem, onde e como repercute.

⁴⁰ Algo igualmente digno de se observar e entender.

12. FUNÇÃO RELIGIOSA

“Distinção semelhante deverá ser feita no terreno da religião: também aí a consideração psicológica só se aplica aos fenômenos simbólicos e emocionais sem tocar a essência da religião. Se fosse possível analisar a essência, então a religião e a arte poderiam ser tratadas como simples subdivisão da psicologia. Com isso não queremos negar que tais abusos realmente aconteçam. Mas aqueles que o cometem se esquecem obviamente de que isto poderia também acontecer facilmente à psicologia. Considerada simples atividade cerebral, ao lado de outras atividades glandulares, seria tratada como subdivisão da fisiologia, perdendo seu valor intrínseco e qualidade específica. Como todos sabem, isto também aconteceu.”

(Carl Gustav Jung)

Em certo sentido, e já com as devidas desculpas ao leitor pela simplificação, a arte, a mitologia e a religião encontram seu campo comum na psicologia. Não falo isso para descaracterizar o desenvolvimento particular de cada um desses conhecimentos, muito menos para vangloriar a humilde ciência problemática que é a psicologia. O que tento destacar aqui é que a psique, o humano, é a constante nesses campos tão distintos. Cabe, portanto, à psicologia atentar para as produções humanas e atividades psíquicas referentes a cada fenômeno.

Cientificamente, Jung traz a noção de religião como “uma acurada e conscienciosa observação daquilo que Rudolf Otto chamou de ‘numinoso’, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causado por um ato arbitrário” (JUNG, 2011e, p. 19). Disto já podemos destacar psicologicamente dois aspectos fundamentais: 1) uma existência autônoma que atrai ou se impõe à consciência e 2) uma participação conscienciosa, ativa, na sua observação.

Quanto à metafísica do processo, em nada a psicologia pode contribuir. Porém seria arbitrária negligência científica ignorar o impacto generalizado que essas funções de contato com o numinoso realizaram e ainda realizam hoje. A consciência passa por uma experiência transformadora⁴¹ e assim seus efeitos profundos podem ser percebidos e comunicados (JUNG, 2011e).

A repercussão social também é facilmente observada, vide a Igreja Católica, que até hoje venera grandes nomes que conseguiram alcançar tamanha proximidade com o Divino. Tais personalidades conseguiram marcar o mundo em que viviam e são lembradas até hoje como exemplos e modelos de vida.

A religião causa um impacto na vida de muitos, atua. Isso, por assim dizer, atesta sua própria realidade e sua relevância como objeto de estudo. Este trabalho não é sobre religião; o nome deste capítulo é “Função religiosa”, o que significa que é tomado o ponto de partida psicológico para falar de uma dinâmica psíquica específica.

Arquétipos não nascem ou morrem⁴², eles são condições formais apriorísticas. Desse modo, algo que por tantos milênios estruturou a humanidade não poderia simplesmente desaparecer. O mito que antes exercia o papel coletivo de função religiosa, como ocorreu diversas vezes, perdeu sua força. A libido direcionada a esses assuntos regride; os grandes eventos humanos a que eles se referem, não.

A religião tem função de amortecer a experiência imediata com o inconsciente (JUNG, 2011e). É um amparo e proteção para o humano diante dos deuses e das entidades. É à Igreja a quem teoricamente deveríamos recorrer. Entretanto, como já falado, não é mais assim que nossa civilização se encontra nos dias de hoje.

A partir disso, cabe a nós refletir e vigiar sobre como essa energia que torna ao inconsciente emergirá⁴³, i.e., como o que antes era firmado por uma confissão religiosa se transforma em uma natureza distinta de mesma função arrebatadora e numinosa.

⁴¹ Que não é causado pela consciência em si, mas por algo extra-consciente, além daquilo que se conhece, inconsciente.

⁴² De fato, eles nem mesmo existem por si próprios, em conteúdo.

⁴³ Emerge.

13. O MITO E A PSICOLOGIA CLÍNICA

“Não se pode negar, no entanto, que uma ciência nos parecerá sempre ter algo de incompleto se não nos ajudar, cedo ou tarde, a viver melhor. Em particular, como não experimentar com mais força esse sentimento em relação à história, ainda mais claramente predestinada, acredita-se, a trabalhar em benefício do homem na medida em que tem o próprio homem e seus atos como material? De fato, uma velha tendência, à qual atribuir-se-á pelo menos um valor de instinto, nos inclina a lhe pedir os meios de guiar nossa ação: em consequência, a nos indignar contra ela, como o soldado vencido de cuja frase eu lembrava, caso, eventualmente, pareça mostrar sua impotência em fornecê-los. O problema da utilidade da história, no sentido estrito, no sentido ‘pragmático’ da palavra útil, não se confunde com o de sua legitimidade, propriamente intelectual. Este, a propósito, só pode vir em segundo lugar: para agir sensatamente, não será preciso compreender em primeiro lugar? Mas sob pena de não responder senão pela metade às sugestões mais imperiosas do senso comum, este problema tampouco poderá ser elucidado.”

(Marc Bloch)

Uma ciência aplicada à saúde mental que se contente em discussões autoeróticas, acabando por se afastar do fenômeno a que se dedica, não deixa de passar uma sensação de incompletude ou ociosidade. Dentro do contexto em que coloco a importância dos mitos e sua

importância para a psicologia como estudo da alma humana, tomo a escuta clínica e o olhar do analista com máximo mérito.

A consciência como a conhecemos hoje é uma aquisição recente e deveras delicada (JUNG, 2008). Os primitivos já sabiam a responsabilidade que era presar por esse presente prometeico, questão de vida ou morte. Hoje, apesar de séculos de desinvestimento nessa nossa esfera espiritual, a psicoterapia surge como um dos espaços para organização psíquica e fortalecimento de Si.

Na psicologia analítica, o fundamental é a integração da personalidade e o desenvolvimento harmônico da consciência. Isso fugindo às duas unilateralidades: supervalorizar o Eu em detrimento da tendência geral do psiquismo ou abrir mão da decisão consciente em virtude da realização de impulsos inconscientes.

O papel do psicólogo nasce da observação criteriosa e da profunda reflexão sobre os efeitos decorridos, ainda que a tendência geral seja a desvalorização do inconsciente, do ilógico, do emocional. Jung (2008) frisa a importância de esses fatores não serem negligenciados, sendo dever do analista estar atento a tais aparições e peculiaridades.

As pessoas sempre dão indícios de sua tendência geral, mesmo que sejam inconscientes. O mito pode ser um desses indicativos. Nem de longe essas narrativas vivas devem ser consideradas supérfluas criações da consciência isolada. É algo com que nos deparamos por todos os lados, incluindo no contexto clínico. Deparando-nos com esses conteúdos objetivos, deparamo-nos com a autonomia e funcionamento próprio de nossa alma.

Os mitos falam de nossa história, de nossas virtudes, doenças e de como curá-las⁴⁴. Suas histórias não são bobagem. Antes disso, bobagem é nossa disposição ao sentimento de superioridade frente a experiências dos outros e de outras culturas⁴⁵.

É comum supor que numa ocasião qualquer da época pré-histórica as ideias mitológicas fundamentais foram “inventadas” por algum sábio e velho filósofo ou profeta e então, depois disso, “acreditadas” por um povo crédulo e pouco crítico. Diz-se também que histórias contadas por algum sacerdote ávido de poder não são “verdades”, mas simples “racionalização de desejos”. Entretanto, a própria palavra “inventar” deriva do latim *invenire* e significa “encontrar” e, portanto, encontrar “procurando”. No segundo caso, a própria palavra sugere uma certa previsão do que se vai achar (JUNG, 2008).

A partir dessas observações feitas, o que se encontra como símbolo no paciente, seja como uma religião confessa, seja como uma ideia ou obra de arte, reflete a totalidade do indivíduo. Compreender o símbolo é o estudo sobre a psique e a cultura em que ele foi

⁴⁴ Para um aprofundamento nessa questão, indico pesquisar sobre “terapia mental generalizada” (JUNG, 2011f, p. 98), onde é esboçado o tratamento público de complexos.

⁴⁵ A suposta consciência do que nos atravessa, o ilegítimo direito de julgar as vivências alheias.

gestado (JUNG, 2008). Visto que o conteúdo simbólico carrega esse duplo (JUNG, 2008), consciente e inconsciente, o analista precisa tomá-lo por algo especial, *sui generis*, em sua escuta.

Isto é o que tomamos por real: a vida atuando sobre a vida, a transformação com o mito na vida das pessoas. Isso pode ser escutado na clínica como um simbolismo que dá conta da dissociação neurótica ou algo que aponte para um crescimento pessoal, fazendo com que o sujeito descubra novas comunicações com o inconsciente.

É sempre pertinente ressaltar que, por isso, jamais intento afirmar um ponto bastante mal compreendido na prática terapêutica. Psicologia analítica não é contação de histórias! Ademais, dependendo da situação, isso pode se categorizar como violência ao psiquismo do paciente. Em casos extremos um completo abandono da ética na relação de análise.

O processo que se desenrola em análise naturalmente é revelado enquanto atuação na consciência. Para tanto, sua expressão se dá utilizando os materiais psíquicos dispostos à fantasia, às vezes aparecendo como uma questão religiosa – como no caso extensamente relatado por Jung no livro *Psicologia e religião* (JUNG, 2011e) –, às vezes aparecendo com um tom tecnológico-científico – como nos casos relatados em *Um mito moderno sobre coisas vistas no céu* (JUNG, 2011g) –, porém sempre um processo fundamentado na “experiência prática com meus pacientes” (JUNG, 2011e, p. 22); explicitamente empírico, portanto.

Longe de um passatempo descuidado, irresponsável ou antiético, a prática clínica não se embasa em explicações quaisquer ou paralelos reducionistas. Ela visa o alargamento sustentável da consciência. Em outras palavras, sua razão de ser é “dar ao doente algum conhecimento e esclarecimento sobre a sua doença” (JUNG, 2011b, p. 115). Isso não de forma superficial, mas que maneira que haja verdadeira significação em algo que interceda na relação com o inconsciente.

Ainda com esse propósito, o presente escrito segue no sentido de alargar a consciência e o entendimento sobre nosso tempo, o espírito de nossa época. É sobre esclarecer um pouco o que somos, quem nos cerca e o que nos é demandado – uma missão inescapável para quem se pretender a analista. Encerro este capítulo com palavras mais experientes e confiáveis que as minhas, a opinião expressa de Jung (2011b) a esse respeito:

Estamos cercados de todos esses problemas e, na medida em que não temos consciência deles, estamos sujeitos a sucumbir a eles da mesma forma que todas as outras nações. O mais perigoso seria imaginar que estamos num nível mais alto de consciência que o resto do mundo à nossa volta. Não é essa a questão. Mas, sem dar a esse punhado de psicólogos e psicoterapeutas que representamos uma importância ou um peso excessivo, quero frisar que a nossa missão, e sobretudo a nossa primeira obrigação como psicólogos, é entender a situação psíquica do nosso tempo e ter dela

uma visão clara, para percebermos as questões e exigências do nosso tempo. Apesar de a nossa voz não ter força suficiente para se fazer ouvir na celeuma do tumulto político, podemos consolar-nos com o ditame do mestre chinês: “Quando o homem que tem a luz dentro de si está sozinho e pensa a coisa certa, ele é ouvido a mil milhas de distância”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Há muito tempo que estas coisas se tornaram estranhas para nosso mundo, mas isto não significa que a natureza tenha perdido alguma coisa de seu poder em relação a nós. Aprendemos apenas a subestimar este poder. Mas ficamos perplexos, quando nos indagamos de que maneira encaramos os efeitos dos conteúdos inconscientes. Para nós, evidentemente, já não pode tratar-se de ritos primitivos. Isto seria um retrocesso artificial e ineficaz. Para isto temos já um espírito bastante crítico e bastante psicológico. Se me puserem esta questão, eu também me sentirei embaraçado, sem saber que resposta devo dar. Tudo quanto vos posso dizer é que tenho observado os caminhos que meus pacientes escolhem instintivamente para atenderem aos reclamos dos conteúdos inconscientes.”

(Carl Gustav Jung)

Fazendo um paralelo entre História e Psicologia⁴⁶, Bloch teceu seus comentários sobre a importância imediata e intuitiva da história. Uma escolha explicitamente sentimental⁴⁷ por algo que é tido como importante para diversas civilizações. Assim também é a psicologia. Antes de mais nada, o parâmetro para julgar a importância de determinado conteúdo ou fenômeno é sentimental. É o ponto inicial para que então se desenvolva as mais diversas elaborações e produções, sejam estas científicas ou não.

⁴⁶ Ambas ciências do espírito.

⁴⁷ Função da consciência, segundo a Psicologia Analítica, também responsável pela valoração, por exemplo, bom ou ruim, agradável ou desagradável etc.

Entretanto, a Psicologia Analítica nunca foi fã de uma abordagem unilateral⁴⁸. O desenvolvimento que se segue à valoração possui, do mesmo modo, tamanha relevância. Sem isso, não se pode negar certa sensação de incompletude, tanto para a História quanto para a Psicologia.

Jung jamais desenvolveu sua teoria fechada em si mesma. Apesar da indispensável tradução do fenômeno em linguagem psicológica⁴⁹, sempre se deve ter em mente a aplicação prática desse conhecimento. A escolha epistemológica pelo pragmatismo implica necessariamente que qualquer constatação nesse sentido sirva para algum propósito, que no caso da psicologia aplicada é que ajude o sujeito a sair de seu estado de estagnação neurótica.

Ao citar Discos Voadores, Mitos ou Arte, concerne à psicologia contribuir para o trabalho de reatar esses fenômenos à própria alma. Isso não como um diletantismo acadêmico-elitista, mas com o compromisso prático de conscientização dos processos anímicos. Tais fenômenos são importantes a medida que remetem à psique.

Daí a importância psicológica que Campbell, Jung, Von Franz e tantos outros encontraram ao se debruçar sobre seus respectivos materiais de estudo. Algo que se origina na alma, causa-lhe grande fascínio e repercute em uma posterior elaboração ou produção só pode significar uma íntima relação entre o fato psicológico e o sujeito, entre a psique e seus objetos. Como poderia a ciência da alma se furtar a tal discussão?

Não obstante a sutileza da mensagem que as mais diversas produções possuem em si, em linguagem simbólica, toda ação humana é atravessada por inúmeras intencionalidades inconscientes, significações latentes. Sendo muitas delas divergentes da prioridade dada pela consciência (JUNG, 2008, p. 35). Ademais, independente da captação consciente desses direcionamentos, eles continuarão a agir no neurótico, o qual terá nada mais que essas sutilezas emergentes para se guiar na jornada hercúlea de enfrentar o próprio destino.

A cura da alma, que um dia já foi muito bem conduzida pelas religiões, hoje escapa a responsabilidade destas. Todavia o sofrimento permanece. O ímpeto pela busca de uma saída, a reflexão a respeito da significação da vida e suas "incríveis e dolorosas experiências" permanece (JUNG, 2008, p. 107).

Em termos gerais, o mais próximo que temos como substituto dessas forças curadoras são os psiquiatras e psicólogos. "nessa nossa era científica, o psiquiatra está melhor

⁴⁸ Ao que parece, nem Bloch.

⁴⁹ Von Franz aponta este passo como fundamental na interpretação psicológica, advertindo que muitas vezes essa etapa é comumente negligenciada (VON FRANZ, 1990).

capacitado a responder perguntas que antes pertenciam ao domínio dos teólogos." (JUNG, 2008, p. 107).

Assim, sem uma mitologia centralizadora em nosso tempo, só nos resta o confronto imediato com nossas questões individuais. Os médicos da alma atuais só podem se confiar que o mesmo inconsciente que interrompe a serenidade da consciência, muitas vezes ganha a custo de ignorância ou ideias perigosamente confortáveis, também incita a seu modo o tratamento justo a cada cabeça.

Os mitos antigos já não nos servem mais. Não da forma que serviam aos antigos. Olhar para eles como se não tivéssemos seguido no tempo seria desconhecimento de si e ignorância de nossa própria época. Hoje temos nossos mitos específicos. Mais dispersos, menos estáveis, mas ainda assim nossos.

Não tenho uma resposta para as questões levantadas no presente, o qual ainda estamos observando acontecer. Jung mesmo já destacava essa inflexibilidade do tempo⁵⁰. A resposta para o problema do homem moderno ainda se encontra no futuro (JUNG, 2011c). Esse tipo de resolução definitiva ainda não cabe propriamente a nós. O que me proponho a fazer hoje é me ater a considerações eficazes⁵¹ que minimamente ajudem no processo de entendimento e desestagnação da contemporaneidade.

Em todas as nossas incertezas e limitações conscientes, não estamos tão perdidos quanto parece. Nem toda a filosofia e ciência do mundo ocidental foi capaz de lidar com a dor de se viver. Entretanto, a energia vivificante para tal se encontra nos indícios inconscientes, os quais podem ser de grande utilidade para nós. Deles resultam efeitos importantes, os quais a psicologia não pode se dar ao luxo de ignorar. Basta olhar a potencialidade psíquica de grandes religiões para vislumbrarmos tal impacto na vida de uma pessoa, ou comunidade. “E olhar sobre os sofrimentos do homem moderno nos mostrará a mesma coisa. Apenas nos expressamos um pouco diferentemente” (JUNG, 2011a, p. 325).

Jung disse que mesmo em sua época os deuses já gozavam de má reputação (JUNG, 2011e); algo perfeitamente cabível para a sociedade de hoje. Os deuses perderam seus devotos. Assim, negligenciar as próprias fantasias inconscientes e os próprios processos pessoais é uma forte porém perigosa tentação de nosso tempo. Não obstante essas forças continuam a se fazer presentes em nossas vidas. Hoje não mais tão determinadamente quanto um credo ou uma confissão, mas ainda assim trata-se essencialmente uma atitude religiosa. Igualmente poderosa e igualmente digna de um Temor a Deus.

⁵⁰ Para o Eu.

⁵¹ Que partem de uma motivação com um sentido e produzem efeitos práticos na vida.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Jonathan Julian da Silva. “**Me dê seu líder, Pégaso!**”: um estudo dos perfis de liderança presentes nos Cavaleiros do Zodíaco. 2017. 68 p. Monografia (Graduação) – Curso de Administração – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Caruaru. Disponível em: <<https://uct.fetranspor.com.br/wp-content/uploads/2017/07/Medeuseuliderpegaso.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOYNARD, Ana Lúcia Sanguêdo. Desenho animado e formação moral: influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. **Ciências da Comunicação em Congresso na Covilhã (CCCC): actas do III Sopcom, VI Lusocom, II Ibérico**, v. 4, 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/boynard-ana-desenho-animado-formacao-moral.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- BRAIT JR., Roberto. “**Em busca das Esferas do Dragão**”: uma interpretação da leitura das crianças sobre o *Dragon Ball Z*. 2005. 141 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17042>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: mitologia criativa**. São Paulo: Palas Athena, 2010.
- _____. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARLOS, Giovana Santana. Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil. **Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul**, Blumenau, mai. 2009. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0436-1.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- _____. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e à psicologia da transferência**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011b.
- _____. **Civilização em transição**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011c.
- _____. **O espírito na arte e na ciência**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011d.
- _____. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. esp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- _____. **Psicologia e religião**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011e.
- _____. **Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011f.

_____. **Um mito moderno sobre coisas vistas no céu.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2011g.

LOPES JR., Antonio Dario. **Sakura e narrativa:** um estudo psicanalítico acerca do tornar-se mulher e da feminilidade. 2012. 99 p. Monografia (Graduação) – Curso de Psicologia – Universidade Estadual do Ceará (Uece), Fortaleza. Disponível em: <<https://www.scribd.com/document/243342247/ANTONIO-DARIO-LOPES-JUNIOR-pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

NUNES, Monica Rebecca Ferrari. A cena *cosplay*: vinculações e produção de subjetividade. **Revista Famecos:** mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, v. 20 n. 2, p. 430-445, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/14206>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

SANTILLI, Ana Catarina; FERNANDES, Rodrigo Fonseca. Sakura Card Captors e os vínculos: narrativas de amor nos animes japoneses. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 17, n. 1, jan./jun. 2017.

SILVA, André Luiz Souza da. **O herói na forma e no conteúdo:** análise textual do mangá *Dragon Ball* e *Dragon Ball Z*. 2006. 44 p. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11288>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

UOL (Brasil). **CCXP bate recorde de público com maior comic con do mundo, diz organização.** 2017. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/10/ccxp-bate-recorde-de-publico-com-maior-comic-con-do-mundo-diz-organizacao.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

URBANO, Krystal Cortez Luz. De fã para fã: a re-produção informal de animês na cibercultura. **VIII Poscom:** Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, Rio de Janeiro, nov. 2011. Disponível em: <https://www.academia.edu/7504765/De_fã_para_fã_a_re-produção_informal_de_animês_na_cibercultura>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VEJA SÃO PAULO (Brasil). **Comic Con Experience se firma como maior evento do tipo no mundo.** 2017. Elaborado por Mariana Rosario e Tatiane Rosset. Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/comic-con-experience-2018-destaques/>>. Acesso em: 12 jun. 2018.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Paulus, 1990.